

EDIÇÕES AQUÁRIO

4328

*entrelaçado com*

**MUITOS ANOS  
DEPOIS**

SILVA CARVALHO

More than any other major figure in Portuguese literature, Silva Carvalho restructured our concept of what it means to read. He requires from his readers acrobatics of attention and insists that we read him not only linearly but back and forth. As in psychoanalysis, we must often make the connections; drawn from dreamscapes, his words and shapes summon our unconscious to respond. Because his poems are arenas in which to render acts of perception rather than to record prior reality, the spectator is rhetoriccally urged to act upon the poem in his act of reading. The intense nervous energy enacted by the rush of perceptions creates an anxious, seeking, intense response in the reader; but, at times, the other pole of Silva Carvalho's art - his meditative contemplation and categorizing sensibility - also shapes the reader. In a nutshell, the reader needs to respond to odd juxtapositions and seemingly free associations, undoubtedly influenced by the liberation of chance from the logical gridlocks of Western epistemology.

— Paul Travers

Le trait premier, chez Silva Carvalho, et le plus explicite, réside dans un certain refus de la logique du sens, de l'équivalence, de l'analogie, aussi bien que dans une certaine ouverture vers l'extravagant, l'excentrique, enfin, vers ce que les philosophes appellent l'autre. Une lecture attentive de ses textes aperçoit immédiatement la syntaxe peu commune qui les tisse, faite de sursauts inattendus et d'indécisions stratégiques, comme se rend compte de l'existence de vocables «méconnus» que l'auteur emploie à foison. Cette pratique, pourtant, sert à créer un territoire linguistique où est mise en question l'évidence même de la langue. La connaissance naturelle et sociale d'un acquis langagier disparaît et le lecteur confronte ainsi l'étrangeté d'une langue incompréhensiblement issue de sa langue maternelle. C'est-à-dire, l'autre.

— Gérard Huot

**EDIÇÕES AQUÁRIO**

**4328**

*entrelaçado com*

**MUITOS ANOS  
DEPOIS**

**SILVA CARVALHO**

Autor: *Silva Carvalho*

Título: *4328 entrelaçado com MUITOS ANOS DEPOIS*

Direitos reservados para a língua portuguesa:

© Edições Aquário

Editora: *Edições Aquário*

[edicoes\\_aquario@hotmail.com](mailto:edicoes_aquario@hotmail.com)

Autor: [silvacarvalho@hotmail.com](mailto:silvacarvalho@hotmail.com)

Site: <http://www.silvacarvalho.com>

## OBRAS PUBLICADAS

### Poesia

*(em português)*

**SUOR DO TÉDIO** (1969) Edição do Autor

**MEMÓRIA DO PRESENTE** (1977) Brasília Editora

**CANÇÕES** (1978) Edição do Autor

**ASSIM** (1979) Brasília Editora

**ESSAS VOZES** (1983) Quatro Elementos Editores

**ANTES O PARAÍSO** (1985) Black Sun Editores

**75 SONETOS** (1985) Solcris Editora

**AO ACASO** (1986) Brasília Editora

**SETEMBRO** (1987) Solcris Editora

PENTALOGIA AMERICANA:

**DA ESTUPIDEZ** (1988) Brasília Editora

**ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA** (1989) Brasília Editora

**NEM PROSA NEM POESIA – OUTRA COISA** (1990) Brasília Editora

**EM QUESTÃO** (1991) Brasília Editora

**O PRESENTE, A PRESENÇA** (1992) Brasília Editora

**A EXPERIÊNCIA AMERICANA AO VIVO** (2003) Edições Aquário

**CAOS INDELÉVEL INEFÁVEL** (2004) Edições Aquário

**CYPRESS WALK** (2007) Edições Aquário

**SONETOS PORTUGUESES** (2012 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário

*(em francês)*

**LES TROIS AGES** (1973) La Pensée Universelle

### Porética

TRILOGIA PORÉTICA :

**O PRINCÍPIO DO ECO** (1993) Brasília Editora

**TEORIA DA DISPONIBILIDADE** (1994) Brasília Editora

**CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES** (1995) Brasília Editora

**MAIS OU MENOS** (1998) Black Sun Editores

**NEW ENGLAND** (2002) Edições Aquário

**MEDIOCRIDADE** (2003) Edições Aquário

**AS ESTAÇÕES** (2004) Edições Aquário

**TETRALOGIA FÁTICA** (2005) Edições Aquário

**DÍPTICO MUSICAL** (2005) Edições Aquário  
**ELAÇÕES DO PEJORATIVO** (2012 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))  
Edições Aquário  
**LOGO** (2013 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário  
**TALVEZ** (2014 – [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com)) Edições Aquário

Romance

**PALINGENESIA** (1999) Fenda Edições  
**O ROMANCE CONTEMPORÂNEO** (2000) Tertúlia Editora  
**QUE ESTUPIDEZ!** (2003) Edições Aquário  
**O RITO DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO** (2004) Edições Aquário

Ensaio

**A LINGUAGEM PORÉTICA** (1996) Brasília Editora

*Ao Elisiário*  
*À Antónia*

In the end, every hypochondriac is his own prophet.

ROBERT LOWELL

We have no right to *isolate* acts of any kind: we may not make isolated errors or hit upon isolated truths. Rather do our ideas, our values, our yeas and nays, our ifs and buts, grow out of us with the necessity with which a tree bears a fruit – related and each with an affinity to each, and evidence of *one* will, *one* health, *one* soil, *one* sun.

NIETZSCHE



## AVISO AO LEITOR

Este volume trata-se efectivamente do entrelaçamento de dois livros escritos com um intervalo de vinte e quatro anos: 4328 e MUITOS ANOS DEPOIS. Tentou-se justapor os textos escritos no mesmo dia correspondentes a dois anos distantes no tempo, entrelaçando-os um a um, sem o conhecimento prévio dos textos do primeiro livro. A intenção que presidiu a esta experiência foi a da descoberta, ou não, do que o Ocidente ainda chama de identidade. Ou, se se quiser, do trabalho da temporalidade num autor.

## QUESTIONANDO O POÉTICO

Não resisto ao chamamento, a língua  
pede-me este descabro, e tanta tristeza  
sobe sepulta como um carinho no desconsolo.  
Deveria ser alegre e ágil e jovem,  
nada disso sou, algo interfere na minha vida,  
não me apetece inventar símbolos ou alegorias,  
do mito basta-me saber e pensar que estou vivo!

Uma bestial meditação agora assertiva explode  
neste silêncio súbito e anímico, nem vazio  
nem espanto, a página onde o tumulto  
se faz dia, o poema onde o desassossego  
fere a carne mais disponível do homem.  
O que me sucede age ignominiosamente,  
não possui pensamentos nem ideias geniais,  
alaga-me de incêndios como se pela alma  
se pudesse atingir o conhecimento do caos!

E depois, a matéria, dos dias, das coisas,  
de que sou e vivo, quer falar, expressar-se  
livremente, dizendo cada passo, dos verdadeiros,  
não a metáfora que tudo alcança  
deixando de fora a crueza da experiência!  
Nenhuma meditação me serve de refúgio.  
Nada há a meditar, mas sim a repetir  
esdruxulamente, caninamente, cada fléxil hora.

Não suporto mais a intelectualidade.  
Agora, finalmente, compreendo certas linguagens  
que procuram ficar rentes aos objectos,  
repercutindo a luz ou reverberando a reflexão  
de pequenos nada, coisas, acontecimentos.  
Compreendo, mas não as sei utilizar!  
Não só dizer, por exemplo, a árvore ou o vento,  
mas só dizer isso, da maneira mais natural,  
anulando, se possível, a língua humana!

Mas que tarefa, ó Metafísica do hábito!

16/4/86

## MUITOS ANOS DEPOIS

Abro-me como muitas vezes me abri à língua  
e espero uma vez mais que a própria língua  
descubra onde há uma possibilidade de mundo  
em quem sou. Da terra e do sol limito-me a receber  
os dias, dos dias limito-me a ser uma passagem.  
Abro-me ao sol procurando ser mais do que terra,  
um homem possuído de tempo  
no tempo perdido que nenhuma memória  
alcança, a dança dos sentidos voando aracnídea  
como teias de encruzilhadas prefigurando palavras.  
Não compreendo o que estou a dizer.  
Que dizer é este que em vez de me autenticar  
me dissolve no que se dissolve, ar, aragem, nada?  
Que dizer me poderá prender ao mundo?  
Como ser para que ser seja possível?  
Como estar para que em mim haja um ser?  
Que viver poderá receber da vida a presença  
do presente, do tempo que passa como se fosse  
outra coisa, uma desatenção, um vislumbre,  
uma ameaça? Onde demoro do que é mundo?  
Sofro a companhia da solidão? Amalgamo-me  
ao paradoxo de uma contradição humana?  
Abro-me. Abro-me. Abro-me. Não importa se há  
ou não há mundo, há porém este desejo,  
este beijo tacteante soletrando palavras.  
Viver não é escrever nem é deixar cartas escritas  
a um vento histriónico, viver não tem história.  
Abro-me e passo. Sou um homem. Sou um homem.  
Estranha cantilena. Estranho universo. Estranha  
estranheza. Perdido na natureza repito aflito  
que sou, e sendo me abro sem tentar imitar-me.

16/4/2010

## O PROBLEMA

Uma certa serenidade, amor, um certo receio,  
se a vida fala por que não me diz nada?  
Estou cada vez mais silenciado pela mudez  
que rodeia cada passo que dou na vida.

E mesmo se o poema não aspira à ideia,  
se a emoção deserta e o sentimento falha,  
que significa escrever, que significa ser  
neste branco deplorável da desolada arte?

A linguagem da tragédia perdeu-se, o drama  
é hoje já história, a comédia gargalhou  
em séculos do homem, a epopeia é antiquíssima,  
que barco, que casa, que arremedo de alma?

Habitar, se foi ambição, é só memória...  
A semente perdida, que terra, ou que mundo,  
onde depositar este vazio da essência,  
este nada que nos enclausura na cegueira?

A vida, mas que vida, ó poeta!, não escreve  
nenhum anal, nenhuma crónica, resvala inútil  
como uma casual necessidade da matéria  
diante do infindo mecanismo das coisas!

Acontecem coisas, os factos estão aí,  
a política das nações, a doméstica hora,  
os afazeres, as revelações, as chatices:  
diferente e mais seria contudo meu mito!

Ardi nesta língua indiferente à humanidade,  
pus de mim quem nunca fui e sou por amor,  
uma obra incompleta na plenitude do verbo,  
um verbo corporizado na dor já obsoleta!

17/4/86

## INVESTINDO NO PARTICÍPIO PRESENTE

Haverá algum futuro para o futuro?  
Esta música que se diz chamar *farewell to philosophy*,  
de uma beleza incalculável, e que ciranda adjetiva  
de dependência em dependência no silêncio  
do apartamento, que independência trouxe a Gavin Bryars?  
Que violoncelo é este galvanizando o espaço  
de imponderáveis manifestações do desejo ultrajado?  
Apenas uma nostalgia anistórica?  
Há tristeza onde é tanta a alegria de ouvir?  
Ou só haverá este nada feito som de violoncelo?  
As perguntas parecem ser inumeráveis,  
as respostas não abundam nem são necessárias.  
Ouvir. Ouvir muito lentamente esta exorbitância  
de um lamento que não existe mas deseja a todo o custo  
infligir a sua dor na carne envelhecida do mundo.  
Onde haverá uma memória em tudo isto?  
Passando de quarto em quarto passo na música  
como um excepcional fantasma procurando no homem  
que sou a possibilidade de vir à vida, dar-lhe-ei vida  
quando eu próprio a perco cada dia que passa?  
Que é viver? Que é morrer? Que é ouvir?  
Sentindo quem não me é nem me pode ser  
vou de minuto a minuto pelas sendas inesperadas  
de uma sensibilidade desorganizada, que emoção estou  
sentindo, que sentido devolver a tudo o que se arroga  
o direito de ser música, música percorrida pelo violoncelo  
numa indesculpável violência da beleza?  
Outrora diria, todo eu vibro, todo eu tremo  
num gozo indefinido e inultrapassável, orgasmo  
de um mais subtil orgasmo, mas onde há carne e corpo  
para o que se ouve, e ouvido fica perdido no tempo  
como uma desmedida maldade? A vida oferece  
momentos como este, faz-nos levitar numa dimensão  
impossível, escolhendo-nos eternidade precível  
como haver depois um fim que não pode ser ignorado.

17/4/2010

## COMO RESISTIR?

O abandono, não a cobardia, eis a língua  
que me inebria, condizer com a natureza,  
ciciar, se possível, o irracional da hora,  
num festejo de armas e de parábolas sérias,  
para que a resistência tenha algum sentido!

Nenhum inconsciente sobra depois da análise,  
nenhuma sedução nem nenhum fascínio, apenas  
um certo ódio mascarado de raiva, estar vivo  
na mediocridade do Ser, um parafuso enferrujado  
procurando no concreto a semelhança ideal!

Falar dos dias para quê? Ninguém sabe o dia,  
nem cabe ao simulacro da poesia rimar  
o desejo com o prazer, escrever é um crime  
de lesa verdade, o que se procura encontra-se  
num nível mais superficial do homem moderno!

E por sobre a prosaica confusão dos sentidos,  
que é do mundo, das coisas e das ideias,  
o enevado destino de quem se insurge raro  
contra a insignificância da palavra pobre  
que nada no remoinho tórrido da metáfora!

E, como sempre, quando se está calmo, e isento,  
a pergunta já não mais essencial: para quê?  
Ou: que fazer? O espelho esta manhã acorda  
com todo o futuro de mim e de mais alguém,  
alguém se importa em ser ou não uma coisa?

Finalmente, lê-se, relê-se, e não se compreende!  
Que encanto! Que assombro! Passar pela língua  
como um tormento, chamei-lhe loucura, ignoro  
agora o que é, de onde vem, para onde vai:  
enigma é um silêncio anterior à palavra!

17/4/86

## A ESPONTANEIDADE CONTEMPORÂNEA

O desejo não está morto. Morta a idade do amor que resta, ao que sobrevive, senão fingir uma vida independente dos sentidos e das consequências? Mas dizer que não há em haver uma truculência imponderável, negar que um sol ilumina um céu perdido para disposições de uma sexualidade que não corresponde mais às correspondências, será uma solução? Ou uma piedosa mentira? Que resta ser a quem não resta nem quer ficar no insentido das coisas, a quem não descansa da viagem nula em que se embrenhou achado como uma desnecessária comparação em livros que ninguém ousará escrever mas que estão escritos nos recessos mais recônditos da vária consciência? Não há verdadeiramente paragem do tempo, haverá uma passagem para o lado de lá do lado, essa frondosa imagem na escuta esporádica de uma melodia insensível ao medo? Haverá, já agora, uma intrusão da sensibilidade contemporânea no homem que ainda se pensa um homem? Haverá um morrer que seja nascer? Onde a espontaneidade perante os factos fatais, em que eventos deslindar um alcance, uma forma capaz de introduzir na hora o amor inexistente, o amor onde nenhum futuro ausente se iludirá como a última possibilidade do festejado corpo? O corpo não ignora a carne, a carne não dispõe de uma fala compreensível, parece antes dissipar a sua loucura na estranheza do mundo actual, essas novidades tecnológicas onde não há lógica nem vislumbre de uma emancipação da história na história infeliz da humanidade que perpassa atravessando as desigualdades de uma medida desconhecida mas impoluta. Que espontaneidade poderá ser contemporânea? E de quê? E de quem?

17/4/2010

## ENCADEAMENTO

Risos de raparigas, já o poema foi outro,  
outra a história na sua dissimulação,  
quando ao jovem foi possível sentir  
pela perigosa leitura a alma desnecessária.  
Abstracto o singulto da memória demora  
como perímetro da estesia, conhecer palavras  
não significa que se é mais feliz, ignorá-las  
demonstra apenas que o horizonte tem limites.  
Assim de mim, sem saber como ou porquê!  
Desiludido pelas peripécias da língua,  
isento e nefasto, arvore barcos de luz,  
há um sentido no ritmo que se desencadeia  
como crepitar indolor da urgente fala  
que obvia a fogueira e seus crepúsculos.  
Trata-se da juventude, entidade absoluta  
do destino e hino impoluto de aliteraões  
incapazes de nuto ou de férvida retórica.  
Resta o prazer sentido estratégico assalto,  
dizer sensual o não quase mitológico,  
clivagem e dosagem na loucura do tempo.  
Uma tímida nostalgia de um espaço racional,  
para que o pérfido perfil da ignorância  
se salve como um endogâmico mimetismo  
do que pela essência carece de profundidade!  
Línguas e teorias, a arte, o sacramento  
onde o religioso se faz leitura da cura  
que o ocidente espera em cada esquina  
da sensibilidade, em cada visão do pensamento,  
um percalço dito poético, um fazer e dizer  
pela possível destruição da matéria.  
Tarde como nunca foi e é plena de vento,  
a árvore voando de ramo em ramo, eterna,  
terrível homem de pé articulando o juízo  
de uma frase necessária como o nodoso pão  
onde a população da terra revê a sobrevivência!

24/4/86



## AS FLORES DE ABRIL

Abril abre-se numa abreviada exuberância,  
observar as árvores com desvelos de uma mãe inata  
é agora a tarefa e o delírio dos difusos sentidos,  
sentir em cada botão que desabrocha a tocha  
de uma inesperada alegria é uma assunção divertida.  
Os enxertos que resultaram, velhas árvores bravas  
suportando novas árvores apenas incipientes,  
e as folhas crescendo todos os dias mais do que um dia,  
verdes de um alcance frágil, modulações vibráteis  
de formas rodeando-se da fala de uma certa natureza.  
Incerto nunca será o destino, que não o há.  
Mas incertos são os dias de quem vive na vida vegetal  
a raiz de vários problemas, a saúde, sempre periclitante,  
os desvairos de um país perdido na sua ignorância  
e na cultura da corrupção, são tantas as notícias  
desvelando o que sempre esteve à luz do sol, do dia.  
Ninguém ousa ver o que entra pelos olhos dentro.  
Todos procuram servilmente escapar ao desastre.  
Mas Abril abriga essas florescências brancas  
das ameixoeiras e das pereiras, Março já tinha explorado  
os avermelhados (a paleta ignara) dos pessegueiros  
e dos damasqueiros, agora começam outros vermelhos  
a abrirem-se em pulsações lentas, são as macieiras  
explodindo com uma retenção e uma calma  
que fariam inveja a qualquer humano comportamento.  
E os choupos plantados de estaca ao longo do terreno  
desfraldam ao vento em vicissitudes da presença,  
tremeluzem cingidos a princípios da física universal,  
música para os olhos na música de uns atentos ouvidos.  
«Ditosa é a árvore que não sente...» Que estupidez!  
Só um poeta poderia ejacular tal desconchavo.  
Esquecê-lo. A vida cresce numa seiva suculenta,  
quantos frutos sobreviverão nessas flores desprotegidas?  
Não ser um guardião nem um deus! Ter que aceitar,  
mesmo se constrangido, a decisão do acaso sem aviso.

24/4/2010

## DESPOJOS

Depois do nidoroso ódio, acesa faúlha na alma,  
o sofrimento do corpo, cada pele uma reflexão,  
cada órgão uma voz sibilando pelo deserto,  
explodindo a palavra no insignificante eco!

Não há casa nem caminhos nem ofício redentor.  
A rarefacção é total e endémica, a suspensão  
suspeita da quididade, o tempo empoleira-se  
no corpo como se cada ruga falasse da areia!

Nem há mar. Tudo passou febrilmente e arcaico  
o grito secou nas entrelinhas do génio, agora  
só permanece o silêncio das derrotas inéditas,  
e o profético da profecia é um jogo de palavras!

Lê-se o possível e uma insondável tristeza  
enleia o que não invade por impotência poética,  
o sentido arrefece, a segurança do ventre cheio  
já não apela e quando muito chama a destruição!

Paira solene a luz, o lugar por incidência  
do testemunho e da saúde ontológica, reviver  
reveste a forma de um poema, mas respirar  
obedece a ancestrais leis do apagamento!

Continua célere e sedosa a cenosa linguagem  
do momento e da eternidade, os cúmulos abrem  
ao olhar um homem despedaçado entre o que foi  
e o medo de retornar ao simulacro da guerra!

Quem escreve? Descreve-se uma emoção, o selo,  
a escravidão do selvagem grito que nos sufoca,  
escorrega-se de ponte em ponte, e no permeio,  
a face odiosa do tempo que nos amortalha!

Que corpo para que homem? Que alma impoluta?  
Resta-nos o sédulo mecanismo da matéria, viver

um destino destituído de verdadeira história,  
da que nos distingue da contingência amável!

24/4/86

## PENSAMENTOS AVULSOS

Nuvens de um cinzento nodoso navegam paragens e fixações do tempo, em que ausência do verdadeiro sol se poderá sobreviver? As horas passam, mas o tempo nem parte nem regressa, é manhã? Será já tarde? Só o relógio indica. Junto às águas da piscina procuro não ser demasiado truculento, afinal que culpa ousaria propor às forças da natureza atmosférica? Antes gozo, sem horizontes, uma meditação esfarrapada, como se pudesse haver pensamento na ausência, na ausência de quem se é quando se é um homem! Ouço tardiamente, como se à distância, os pios dos pássaros que sobrevoam a casa ainda húmida, meus indesmentíveis inimigos. Terei que partilhar os frutos da terra com eles. O que me parece injusto. Quantos figos não serão debicados pelos melros sequiosos de comida, quantas maçãs e pêras não serão o alvo de outros voos furtivos e parasitas? A vida não tem nada que se lhe diga! A vida vira-se quase convulsiva para dentro por tanto estar exposta ao fora. Não, não arfa nem arde, a vida. O tempo humano perde-se no tempo cósmico e não há maneira de se compreender o que nos acontece entretanto. Entretanto foi-se almoçar, agora, na espreguiçadeira despromovida, tenta-se saborear um café longínquo, os lábios apalpando o líquido fervilhando de calor, um calor que se anuncia para estas paragens da terra. Não haver nada para dizer. Nenhuma meditação é conseguida pelos pensamentos avulsos que sacodem a consciência, desprende-se apenas o sabor açucarado do café no aroma de uma imensidão sem confins.

24/4/2010

## TEMPO DE VIDA

No sinuoso declínio do real, que sofrimento,  
ó Tempo, incorporas na adiposidade sensível  
dum estar irremediavelmente preso ao lamento  
que te sai em forma de cântico inexcedível?

Olha em redor e soletra pela voz o apelo  
que não sentes e almejas, viver quase devoluto  
é permanecer isento até ao clangor do zelo  
que se põe em cada momento, em cada nuto!

Onde uma imagem que possua a dorida voragem  
das coisas imaturas? Escrever é como reviver  
a luta dos sentidos, é passar pela paisagem  
como cego cedendo ao desejo de um sáfio poder!

Nenhuma aprendizagem, mas que sofrível castigo?  
Passam os dias, incha a dor, o corpo uma chama  
seduzindo e designando, o nada, o brilho amigo  
onde o calor define com que amor se ama!

Diante, que palavra? Que língua? Que acalmia?  
Nudez terrível do branco, do destino, o vazio  
quase intelectual de uma renovada filosofia  
desafiando apenas as metamorfoses do rodopio!

Como é possível viver-se assim? A vida diz  
um livro impensado e casual, a morte inaugural  
dorme em cada célula do pensamento infeliz,  
que futuro para o desastre do medo letal?

Inverter o rio. Despossuir o ritmo. Dizimar  
a rima do intento e intentar a dupla mágoa,  
viver como se ao longe existisse o mar,  
morrer como se no fogo se reunisse a água!

Tempo apodrecido na clivagem da consciência!  
Ser lúcido, ter bispado a origem e o fim,

regressar depois ao infinito da ausência,  
ciciar em doloroso carinho o tétrico sim!

29/4/86

## O DESMENTIDO SOCIAL

Colide agora contra os nossos corpos o calor  
de uma Primavera extrovertida, a chuva  
parece ter desaparecido das humanas expectativas,  
como enfrentar o Verão que se adivinha?  
No azul de um céu que contrasta com o verde  
da serra um inominável sol sucede em arremessos  
quase imperceptíveis de tempo, os prédios  
petrificados em arquitecturas sempre datadas  
expõem a ideia de uma cultura e de uma sociedade.  
Em que idade se vive? Em que domínio  
ou predomínio da inteligência? Os factos  
fingem uma história contemporânea, os feitos  
da modernidade aceite não sabem o que fazer  
com o capital. Crise, dizem alguns. Crise, dizem  
quase todos na parcela ocidental. A terra,  
indiferente, gira sobre ela própria dando dias,  
gira à volta do céu expondo-nos às estações.  
Climas. Atmosferas. Problemas sociais. Medos.  
Um modo de vida parece estar a ser questionado.  
Mas quem acredita no homem? Nos homens  
e mulheres que povoam o planeta desgovernado?  
Injustiças em todos os lados. Pobres e ricos,  
a quase intemporal fatalidade. Enquanto a técnica  
e a tecnologia avançam desbussoladas, incapazes  
de uma escolha, indiferentes ao sofrimento.  
Humano? Quem ousaria ainda ter a coragem  
para usar tal expressão? A humanidade ignora-se,  
também não sabe que fazer com a sua presença,  
às vezes fica-se com a impressão que deseja  
ardentemente atingir um fim, o seu fim resignado.

29/4/2010

## A SOMBRA E A MARAVILHA

Que o universo se feche e me deixe exausto  
no silêncio solitário da minha dor, viver  
assim é comprometer as leis, e do humano  
resta só a máscara impossível de um desejo!  
A vida mede-se entre um ir e um regresso,  
ficção, chamam-lhe os parvos poetas pedintes,  
em versos minúsculos festejada como clímax  
para o que, em essência, despossei o verbo.  
Mas é a carne que dói, não a metafísica.  
Mil nervos cegando a consciência da hora,  
explodindo a cabeça como se a pobre história  
não soubesse como concluir a sua lição!  
Crer ou não crer aparece como um parco  
preciosismo da linguagem reflexiva, ser  
denota um vício, permanecer em cada célula  
repete o trauma de uma etimologia perdida!  
Que fazer? Luz, diz o irónico e icónico  
mimetismo. Espanto medular, o processo lógico  
obedece somente ao espasmo da língua torpe!  
E que homem ousa seduzir o estremecimento?  
Toda a humanidade cabe no segundo postremo,  
um sentido auferido pelo dilema da composição,  
o níveo segredo onde se ejacula o horror  
que cabe no interstício da meditação ominosa!  
Porque se vai buscar ao diapasão da loucura  
uma poética aventura e uma feérica paralisia,  
o susto é ontológico, mas o degredo espalha-se  
pelo exílio como se a terra vivesse de fome!  
Que palavra? De desassossego em inquietação  
recorda-se o efémero e entroniza-se a coisa,  
a inteligência barco à deriva, o pensamento  
desgovernando a sensibilidade do corpo lesto!  
Haverá fim para tanto deslumbramento ascético?  
Olha-se o espelho, a imagem delida, um vazio  
vagueando recluso no trocadilho obtuso, a alma

incapaz de soletrar a sombra e a maravilha!

29/4/86

## BRINCANDO COM O FUTURO

As crianças que brincam no recreio da escola saberão o que é um futuro? Em que presente se encontram? Que passado as trouxe ao mundo? Saberão, inteligentemente, alguma coisa? Ou só sabem brincar na energia da juventude, indiferentes ao que se passa à sua volta? Risos, vozes gritadas, como é bom, apesar de tudo, ouvi-los, sem se saber também porquê! Quem sabe que não sabe? Haverá ainda, alguns vivendo, um filósofo? E que pensará ele do que o rodeia? Ninguém sabe. A ignorância é tanta que se ignora. Que aprenderão, as frágeis crianças, na escola? As mesmas mentiras que seus pais? Que houve uma história, feita de tempo e de acontecimentos e de avanços ditos civilizacionais? Dir-lhes-ão, porventura, o que, a muitos deles, a maioria deles, os espera? A escravidão contemporânea? Ensinar-lhes-ão o que fazer e como proceder para, pela primeira vez no mundo, se emanciparem? Duvido. Conteúdos são conteúdos. Não são a difícil verdade do que tem sido o real ou a realidade. A surpresa que sentirão quando descobrirem que o trabalho não é uma brincadeira perpétua. E que terão, a maioria deles, de sustentar os padrões da economia, os servos da política, os que mandam como se afirmando uma missão ou confirmando vários desígnios especulativos. Escolhidos democraticamente, livremente, e isso é que terrível, pelas crianças já adultas que não poderão nem ousarão mais brincar.

29/4/2010

## INTRANSPONÍVEL LUCIDEZ

Abre-me ao mundo, ó Língua, não me queiras isento  
como um cataclismo no destino das coisas...

Ensina-me a reflectir a terra onde vivo,  
a ver o visível e a pressentir o incógnito,  
fala-me do inefável como um indizível apelo  
onde poderei achar minha razão e meu alimento!

Não mais esse mais, esse excesso, mas a harmonia  
de um canto possível e humano, dá-me a poeira  
onde possa sobreviver ao abstracto trato  
da loucura que me envolve, dá-me o calor real  
de um acontecimento previsível e dentro  
da ordem natural das coisas consabidas!...

Ardo no mimetismo do inominável, suo um tempo  
de agonia, que vêm meus olhos imarcescíveis?  
A terra primaveril do desencontro, como é bom  
dizê-lo, assim sentido por incapacidade o ritmo  
onde falha a música mas coexiste o pranto  
de quanto se nos vive como fogueira essencial!

Traz-me o chão, ó Língua, deixa-me calcorrear  
os sentimentos de hoje, deixa-me pensar a obra  
de uma meditação humana, deixa-me sofrer apenas  
o razoável da carne que nos cabe! Tudo o mais  
está a mais e dói, concede-me o percalço risível  
para saber que em mim há ainda um homem!

Tão longe e sem imagens, mas a simples miragem  
de definitivos castigos que se não merecem,  
faz-me viver o possível da realidade concreta,  
a obscenidade das necessidades intelectuais  
onde os poetas diluem o aporismo e o caos,  
ignorando até que ponto soçobram de quedas!

29/4/86



## HIDING AND SEEKING

Enquanto a música de John Zorn explora a tarde  
com acentos de um orientalismo médio  
alguém se perfila no esplendor da existência  
como se a música fosse mais do que sons sensuais  
perpetrados pelos instrumentos da cultura.  
Alguém ouve no que houve de mistério  
nas sociedades humanas falas correspondentes  
a uma beleza defraudada, acenos de perfis  
que se aventuraram a expansões da inteligência  
para melhor figurarem uma estadia sobre a terra.  
Perfis de homens e de mulheres passam  
céleres pela ausência do que foi ontem fascínio  
e imaginação, são línguas abafadas pela história  
que irrompem como se a necessidade  
fosse possível, ou como se na possibilidade  
pudesse haver uma felicidade intangível.  
Línguas repetem-se em vozes femininas, sons  
incapazes de completarem-se em palavras  
soam pela tarde e repercutem-se no sentimento  
de uma perda que poderia ter sido evitada se...,  
se a humanidade soubesse ser mais do que humana.  
Sentimento terrível, haver-se presenciado  
o que agora não mais existe, uma casa plena  
na orientação do sol, uma família onde risos  
trouxeram ao coração a alegria simples do amor  
que deveria presidir a qualquer manifestação digna.  
Risos de crianças e de velhos, a disponibilidade  
de uma companhia, de um bem, da magia  
que por vezes tempera a realidade quotidiana  
quando se deseja que a vida seja a vida.  
Magia para o que existe sem um nome feito,  
paragem de um tempo envolvido na contradição  
da sua passagem, dizer a memória do presente  
na disposição indesmentível do que muitos acham  
que nada mais é do que uma inóspita utopia.

29/4/2010

## QUE PRINCÍPIO?

Mas que paixão me sobrevive, ó dia,  
senão a loucura da dor, a aliteração conspícua  
da forma sensual onde se ignora o caos,  
onde se vislumbra o remoinho da criação?!

Que sinal e que sirene, ó linguagem,  
senão o sideral silêncio da voz repercutindo feroz  
uma rima metafísica e conceptual,  
restos tangíveis do desgoverno poético!

Apetece ser quem se é, definitivamente!  
Mas o Tempo existe, exerce sobre a placidez  
do verbo o traumatismo da fome, o vazio, a vacância,  
o cego nó tresvariando como tentativa lograda!

Em que casa o abrigo, a mão miserável  
da ideia que se desfaz em fumo, a imagem, o truísmo,  
a paisagem corrompendo a inteligência,  
uma palavra inventando a sensibilidade tosca?!

Caem corpos carcomidos pelo ócio  
do deplorável sofrimento,  
um só verso irreversível, ó cio,  
um só poema capaz de conter a incontinência!

Diz-se o desejo, ciciza-se o prazer,  
dicotomias assim destemperam a civilização,  
um outro mundo, um outro homem, uma outra terra,  
eis o que se ignora quando se escreve!

E não há razão nem consolo,  
senão o apego, o hábito, o arcaico ensejo.  
Que destruição trará um começo, ó dia,  
que princípio saberá caucionar a permanência?

29/4/86

## UM PRECONCEITO

Trabalhos de casa, afazeres, ervas selvagens  
da dispensação terrestre transmitindo ao olhar  
a desilusão de um já feito, de uma realização  
desmentida pelo poder de um Inverno ido.  
O olhar pedindo a quem se é o cuidado  
de restituir ao chão a relva que lá estava,  
que lá está, submersa pela vegetação inata  
que esconde e obnubila a dimensão do mundo.  
Trabalhos pois, empurrar e puxar a máquina  
que não atina com a incomensurabilidade  
do que se lhe exige, um verde de um caldo  
inexplicável ainda húmido das chuvas recentes  
impedindo a rotação da lâmina em cada minuto.  
Enquanto o corpo arfa curvando-se e erguendo-se,  
o corpo velho e cheio de mazelas, experiência  
de anos acumulados na lassidão dos músculos,  
incapazes de acompanharem a vontade quase  
espiritual e teimosa de um dever, de um ter  
que ser feito mais forte que qualquer desânimo.  
Dominar a terra, arroteá-la, trazer aos sentidos  
uma habitabilidade ideal, perde-se na tarde  
ainda quente o sentido de uma presença,  
o suor escorre de encontro ao rosto, no peito  
um coração maquina sabe-se lá que males!  
Mas tem que ser feito. Sim, tem que ser feito.  
A vida pode ser o que se quiser, não se discute,  
mas a relva tem que reaparecer, que regressar  
ao convívio humano, pede-o o olhar racional  
e a necessidade civilizacional de um preconceito.  
A terra no jardim surripiado tem que obedecer  
às leis do mundo. Passos humanos exigem  
uma comodidade e um deleite, um chão fofo  
como uma nuvem pairando no azul celeste,  
os pés dedos de um par de mãos afundando  
teclas para que a música seja sempre possível.

29/4/2010

## NA DOR

Nenhum símbolo, ó Vida!, nenhuma imagem,  
nenhuma língua capaz de te dizer ou sugerir,  
nenhum tropo outro que da retórica viva,  
nenhuma luz capaz de incendiar o enigma!

Nem sequer o silêncio, muito menos o vazio,  
nada de nada, ou só o espelho vadio em frente,  
nulo como uma superfície de sol,  
nívico como se pela ausência fosse o homem!

Pode chamar-se alienação ou loucura.  
Importa? Nenhum apelo ou sedução, mas o caos,  
o nítido desgosto flutuando aracnídeo  
na pele sibilina do corpo que sofre!

Longe o impensado cataclismo, a ardência  
já sem desejo, a queda já sem prazer, mas o acme  
de tudo totalizando o todo,  
conceito celebrando a impossível realidade!

Dizer que mundo? Quem suporta o medo?  
No decurso do discurso algo de inumano surge,  
um grito aflito, uma carne e um sangue,  
a substância como inadjectiva semelhança!

Morre-se diariamente na abstracção,  
a linguagem perdida na voragem, dos dias,  
das noites, o sentido calcorreando inefável  
a disponibilidade semântica do desperdício!

Nem uma só metáfora na única Metáfora:  
viver! Iniludível, o Tempo, mudo, afónico, feroz,  
deslizando sem deslize, sem nascimento nem morte,  
um espanto na dor que já não se pode sofrer!

30/4/86

## VIVER E NÃO VIVER

Passam os dias, passam as horas, passam as angústias de um receio que não ousa ser medo, quando passará a vida para um fim fértil, para um nada sem história? Cada hora é uma indeterminação do sofrimento, cada minuto um singulto sem verdadeira expressão, cada lapso de tempo um movimento apreensivo, viver e não viver, suspensão, espera incomensurável, a impressão de que algo passa em alguém que advém sem um consentimento, um estranho no fluxo dévio da emoção e do pensamento, uma presença irreal realizando contudo a concussão de um mal-estar que impera na esfera das sensações indesmentíveis. Que alguém morre dentro de quem se ilude na vida? Que figura deambula na ruminação do corpo ferido? Que carne se avilta na inconclusão do entendimento? Passam como sempre passaram as imagens delidas de uma ausência perpetuando a necessidade infeliz de um testemunho, quem se apodera da língua ávida para obrigá-la a dizer uma verdade intempestiva? Que morte vive no declive de uma existência falha? Que falência dos sentidos na presciência avulsa? Que virulência vulgariza o sentimento da perda? Passos de um invisível futuro furam os espaços da consciência disponível para a percepção ínfima, vagos traços de uma imprevisibilidade imprezível, e no entanto a sombra flutua na concomitância da indisfarçável dor, um inesperado rubor circula pela sensibilidade empobrecida, até quando isto que não se apresenta nem se desvela, esta força consumindo as energias de um organismo vivo, permanecerá como um fatídico enigma na mudez mais gritante onde avulta um sentido insignificante? Que mais é preciso para que a dor não seja irônica? Que perda se avizinha com passos quase trágicos? Que morte não sabe viver apenas no falecimento?

30/4/2010

## DO AMOR COMO CHAVE

O real reduz-se a uma inóspita vertigem,  
ser, ao medo! Elíptico o lugar do sentimento  
permanece vago, inessencial como a memória  
de que se esquece os traços significativos!  
Sem teoria, sem sortilégio, sem sacramento,  
que palavra ousará viver o defectível mundo?

Que homem, por mais humano, por menos arbitrário,  
saberá prever o que escreveu no apagamento  
de uma poesia que desobedece ao Encanto?  
E que arte, por mais necessária ao Eterno,  
consequirá denotar a consciência perdida  
no imo doloroso da civilização icástica?

Sentidas as dicotomias como sentidos,  
que fazer da predisposição, da revelação  
que abriu a luz em vozes do incomensurável?  
Que escrita longamente abjecta deporá, alerta,  
um objectivo prolongamento do sonho esperto  
onde se pensou vislumbrar a imanência?

Nada como a simples semântica do amor,  
se se pode chamar à paixão que nos alaga  
esse salto, essa ruptura, essa epifania!  
Mas quando a mentira cauciona a inspiração,  
que credulidade se deve ao tempo, que memória  
se enterra no privilégio da imortalidade?

Porque a palavra subsiste inconsútil  
como uma sombra no deserto da disponibilidade,  
e age, tresloucada, entre o silêncio ominoso  
e a algazarra meticulosa da aflita população,  
transmitindo casualidades analógicas, risos  
de destinos revividos em pleno espasmo!

30/4/86

## TRANSIÇÃO

Nada como olhar para não ver,  
as nuvens disfarçadas de movimento  
não deixam o céu ser azul,  
valerá a pena, por isso, ficar triste?  
As nuvens passam lentamente  
enquanto quem as vê ignora a frente  
de qualquer futuro, é o presente  
que governa o momento, mas sentir  
não se permite o perfeito arrojo  
de um sentimento. A vida articula  
passagens de uma memória  
sem sentido, a hora demora certa  
como se o tempo existisse,  
que fazer do presente, da presença?  
Perde-se a noção impávida  
de uma visão alicerçada na imensa  
nostalgia do que não foi, fora  
e no alto as nuvens obnubilam  
qualquer pensamento, vê-las passar  
como se inspiradas pelo sopro  
de um vivo desejo de comunicação  
não é mais que piedosa ilusão.  
Só há o movimento indevido,  
a dúvida e a dívida colidindo nuas  
com o sentimento da perdição.  
Mas que se poderá perder? A vida  
não é mais que transição, nuvem  
percorrida na imensidade muda  
de um céu incompreensível.  
Sentir sofre da surda desmedida  
que nunca abandonou o horizonte  
da terra, ser-se do humano  
uma fibra, um tumulto, um grito  
tão profundo que deseja repor  
no céu o azul que lhe pertence.

30/4/2010

## A DOR E O ALENTO

Sem saber, sem meditar, sem descobrir,  
repito o gesto tremebundo da vida,  
homem perdido entre o fogo do devir  
e o frio translúcido da despedida!

Sou irremediavelmente feliz! E subir  
pela luz dá-me uma alegria percebida  
no olhar de amor que derramo, e sorrir  
é agora a acção plausível e querida!

Coordeno assim o caos da disparidade!  
Sublime e sem maneiras, de modo isento  
aufiro da guerra que é a sensibilidade!

Não mais onde ir, mas chegar ao lamento  
representa o desejo de viver a idade  
como um conluio entre a dor e o alento!

1/5/86

## VIAJAR

Viajar até onde o norte é uma destinação,  
um destino. Já foi para San Francisco  
a partir de Santa Barbara, ou para Boston  
a partir de New Bedford.

Hoje, como sempre foi e será sempre,  
é para Vila do Conde.

A família não falha nem desfalece.

Ver o pai e os irmãos,

a parte que resta do núcleo

do que foi. Ver até que ponto

o que mudou não pode mudar. Viajar

da memória, que tempo nos dá o destino,

que viajar nos poderá restituir o berço?

1/5/2010



## INTRADUZÍVEL

No imprevisível desmazelo da ignorância,  
medos obscenos povoam em ferrete o lugar  
outrora possível da alma, hoje um deserto  
trucidado entre a máquina e a dispersão!

E não há mais fazer ou acção, mas a vida  
indecente de uma monotonia cadavérica,  
a morte irreal de uma adjacência horrída,  
como se ao mito coubesse desobedecer...

Intraduzível o Tempo tempera de caos  
os segundos minuciosos, um homem moderno  
apaga no espelho a imagem da desordem  
e procura na natureza a ordem natural!

Risos escravos e sussurros alados fogem  
na abstracção do sentimento, a palavra  
lavra uma dependência no selo do eterno,  
mas ao fôlego falta-lhe a felicidade!

Como ser possível um Ser impossível, diz  
a língua indiferente ao cataclismo, sem  
se compreender se é pergunta ou afirmação,  
sem se perceber a medida do desastre!

Tanta secura reverdece de isolamento,  
que vazio seduz a disponibilidade ausente  
da alma? Que casa, ou que espaço, que lugar  
onde seja adequada a poesia do momento?

Nada reflecte nada, e entre a ambiguidade  
e o suor do agulhão testemunha-se tudo,  
uma presença indesejável, uma totalidade  
onde não cabe ao olhar vislumbrar o amor!

1/5/86

## PASSOS PERDIDOS

Passos que se dão no que é uma impossível vivência, as ruas parecem ser as mesmas, mas tudo está mudado, não há coincidência entre o que há e o que houve, embora o lugar seja o mesmo. Passos que se ouvem nos passos que outrora se deram, mas que chão é este que não é um verdadeiro chão? Que mentira ousa ser chamada memória se não se encontra o encontro no que se encontra? Que se passou? Viver é perder. É achar no que se perdeu o lado obscuro e escondido da existência, não haver mais o que houve no que, indubitavelmente, houve, a música de outros passos, sem dúvida mais ágeis, sem dúvida mais apressados na energia do corpo. Inventa-se a realidade de outrora. Há uma partida, haverá uma chegada que não seja só a morte? Haver e não haver, eis a questão. Passos que nos dão a ilusão de uma presença na ausência da realidade, que memória saberá ser a história da experiência de uma vida? Ou que história poderá ser diferente e mais do que uma memória? Eclodem perguntas nos passos que soam pelas ruas da cidade perdida, o *el dorado* será um futuro ou já foi um passado? Saber-se e não se saber, a perplexidade, o paradoxo, mas o que se sente que possa fazer sentido? Nada é como foi, nada foi como se pensa que foi, ser age como uma mudança do tempo no tempo envelhecido do corpo, talvez também do espírito, se houver um espírito no corpo. Passos, passos, passos. A vida presente contudo o presente da presença, que enigma não consegue ser enigma? Tudo nada num nada que passa ligeiro e leve, tudo flutua na nua membrana do sentimento, não haver forma para o que se forma em cada momento da sensação, não haver mais do que uma língua aflita e devoluta, a luta imperceptível do tempo no tempo passando.

1/5/2010

## SIMPLESMENTE

Cabe ao ódio dizer eu.  
Nada de vidas ou de pensamentos,  
mas sim simplesmente dizer a imagem  
que se esvai e se esboroa como queda  
quase profiláctica de uma civilização!

Onde estou? Convulsões anímicas compõem  
a identidade temporária, sofrer acomoda-se  
como se pertencesse à língua esconder  
o indispensável da dispensação,  
o sofrível da luminosidade acmástica!

Sou talvez quem escreve a destruição.  
Não me atraí o mundo, mas em que lugar  
se pode respirar, em que rima o fôlego  
sobressai para indiciar uma possibilidade?  
Que passagem, se pela terra a terra devolvo?

Eu mereço a alegria! Se o castigo  
existe exista ao menos o profundo  
perigo de uma sensibilidade ousando ver  
o imponderável mecanismo da desordem,  
cratera louvando o zelo da tersa memória!

Porque fui e sou e serei independentemente  
do tempo e da história, uma eclosão  
sem seio nem hora, apenas um cicio sevo  
capaz de transmudar a essência em monumento,  
o arquejo em sáfara inexistência!

Eu que vivo e passo, traço humano  
ou monstruoso novelo da apoplexia moderna,  
ignoro se sei, arvoreo um ritmo imperecível,  
ousando ver um além, ousando sentir aquém  
quanto de mim foge ao rodopio da humanidade!

## A CANÇÃO

Uma inviolável canção atinge meus lábios  
com a cor vermelha de um desejo,  
o que vejo desflora-me os olhos,  
o que ouço não parece ser cantado.  
Onde estou? Em que mundo? Toda a terra  
berra de erupção em erupção, verdes  
confundem-se com castanhos, tenras folhas  
desfibrando ao vento de Maio florido.  
Estarei morto? Estou vivo? Onde desaguo  
não merece o encontro do mar com o rio,  
onde me encontro é um desafio. Rimo.  
Rio. Sorrio. A vida é o que tinha que ser.  
Viver e morrer, viver é morrer!  
Uma intraduzível canção desprende-se  
da minha voz, que vagido vagueia veloz  
pela terra desprotegida hoje em dia?  
Em que foz? Em que água? Em que rima?  
A sensibilidade claudica, a emoção abre-se  
mais incrédula que um cepticismo,  
este é o abismo, abisma-se a canção  
no dizer que ninguém ousa ouvir. Ir e vir,  
eis o destino. Uma pausa. Um silêncio.  
Uma inesgotável canção abeira-se de tempo  
sem pretensões de contê-lo como elo  
de qualquer coisa ligando-se ao súbito apelo  
de um sentido, que sentir no som  
que afoga o momento de alegria? Afago  
de mão mágica, macia pele da hora,  
quem deplora a vibração de um ritmo?  
Uma imprevisível canção tinge meus olhos  
de acenos obscuros, o que diz o murmúrio?  
Entre a tristeza e a alegria alivia a vida  
a imperecível melodia, a melopeia  
que levita invisível como uma leveza do ar  
que respiro na desatenção que gravita.

1/5/2010

## A PRESENÇA DO TEMPO, O TEMPO DA PRESENÇA

Certo de possuir um sol sexual  
algures no corpo, algures no espírito,  
repito caninamente o ritmo da solvência,  
incapaz de composição ou de êxtase!  
Mas navego sideralmente eleito pelo auge  
luminoso, a cabeça perdida no labirinto,  
o dedáleo estremecimento uma vertigem  
contendo da experiência o torvo mundo  
onde meus passos cedem lugar à história.  
Impessoal de tanto me querer impoluto  
e ardente, almejo alcançar o distante  
percalço, o movimento do Tempo, o evento  
válido onde se reconhece a Presença.  
Mas não se pode olhar para trás, adiante  
é quanto se bispa, a eventualidade séria  
do disparate como nostalgia da inteligência  
condenada ao preciosismo da lógica.  
Sucedem-se as palavras, ao olhar reluz  
um infinito de questões irrespondíveis,  
a marca da hora indispõe a nomenclatura  
de uma cultura baseada no inominado,  
não superstição ou descalabro moderno,  
mas pura perda ousando um assertivo  
nuto, um silencioso sim humanizado.  
E mesmo se, depois de escrito o arco  
entre o nada e o objecto como coisa,  
nada se compreender, tanto melhor,  
é pela vida que jorra a luz interior,  
é no apedeutismo anímico que soçobra  
quanto da perfeição nos foi sonho  
ou apenas projecto adolescente.  
Não há nenhuma certeza. Tudo é certo,  
viver como morrer, mais talvez passar  
como água sem rio, ou riso de criança  
quando a alma se confunde com o corpo!

## ACONTECE QUE NADA ACONTECE

Acontece a vida como se a comparação fosse intempestiva ou impossível, fosso de contemplanções desmesuradas, fossa onde a morte se abriga. Fosse possível hoje sentir outra vida na vida que envelhece, no corpo desprovido de qualquer escopo, de qualquer arquitectura. Fosse possível ainda conceber uma realização humana na cultura da indiferença, ganhos e perdas é porém o horizonte da esperança contemporânea. O lucro. O interesse. Acções fiduciárias. Fossa de uma civilização perdida. No tempo. Acontece o inacontecimento, a noção imperdoável da experiência incapaz de se saudar numa língua! O preconceito perpetua a paixão: ser da riqueza a comparação. A pergunta não é: Quem é quem? A pergunta, possivelmente, sempre foi: Quem tem? Não se pergunta o quê. Passa a vida a passar de mão em mão, nem sequer uma obsessão, muito menos uma emoção. Ávida vida. A vida de todos os dias, de todas as noites, mesmo das mais obscuras. Que sol capaz de trazer à terra uma fertilidade feliz? Que sal tempera a comida? Que sul atrai as viagens conscientes? Não há planeta que gire na gíria das populações, há só imagens imaginando-se termos de comparação. Nenhuma acção. Nenhum mundo. Nada acontece capaz de uma resposta.

1/5/2010

## ENTRE O POSSÍVEL E O IMPOSSÍVEL

Que a língua que diz sem complexidades  
a nostalgia do verbo arrependido  
possa emergir no reduzido cântico desta hora,  
estou cansado de ser livre e de sofrer,  
apetece-me ver, não de testemunhar o real,  
ou o quer que seja, mas ver, como se possível  
fosse deixar de ser homem para sucumbir  
natureza na especificidade de todas as coisas!

Dá-me alento, dá-me calor, é a canção  
de todos os momentos, deixemo-nos de filosofias,  
um só segundo de paz, uma só revelação  
do finito e do perto, um só espelho espalhando  
a impossível imagem da realidade e de agora!

Quem me fiz de quanto sou?  
A dor sobrenadando um peito de homem,  
o medo sedutor, reluzindo a água das flores,  
e cada imaginação uma guerra dos sentidos,  
e cada sentido uma nevrálgica redenção!  
Quem sou do tanto que me fizeram?

Começar em que fim, e em que fim o começo?  
Não acredito em razões, vem por aqui,  
dizem as sensações percíveis do momento,  
mas que lugar, se não sei habitar a alegria,  
e muito menos o sofrimento?!

Deve haver uma pacífica manifestação do Ser,  
uma acalmia, ou pacacidade, tem que haver  
no homem um recôndito, um hábil abrigo  
capaz de repercutir o sédulo segredo.

Teimo contudo uma língua outra,  
a do declínio ou a da salvação?  
Ignorante de mim mesmo meço em sílabas  
a profundidade que me separa da distância:  
viver, é bem verdade, mas o quê,

ó Verbo intransitivo?

1/5/86

## ESTRANHA LÍNGUA

No clamor clangoroso de uma estranha língua  
apreende-se uma apreensão insuspeita,  
quem fere com palavras a realidade?  
Que realidade é construída no apogeu  
das ideologias contemporâneas,  
quem apaga a terra para se fingir  
mundo? Quem manda? Quem adere  
a mitigadas manifestações do humano,  
quem se deixa levar pela velocidade voraz  
da tecnologia? Quem se pensa progresso?  
E de quê? Que quê é este que se arma  
de argumentos em filosofias baratas? Que quê  
se arvora ao conhecimento da ciência?  
Que quê promete mundos e fundos?  
Estala o truísmo no lugar comum  
da experiência individual e social,  
que diz o clamor célere do mutismo?  
Que a terra vai desaparecer na humanidade  
da estupidez? Que a escravidão teve sempre  
o seu lugar no testemunho das civilizações?  
Que o real não sabe onde encontrar a realidade?  
Ser ou não ser, a medonha expressão  
da vergonha quando há qualquer coisa  
como isso! Como isso. A língua estertora  
no apanágio da sua devolução involuntária,  
dassignifica, fica empedernida,  
incapaz, inexpressiva. Que império  
se serve do que não serve as populações  
escravizadas na ilusão de uma virtualidade?  
Que felicidade espera a uma esquina?  
Que resposta devolverá a pergunta?

1/5/2010



## A MALÍCIA

No sossego do começo da tarde,  
quando todos quanto labutam neste andar  
foram possivelmente almoçar a casa  
ou à cantina, ouve-se uma máquina de escrever  
absorvida na obsessão do parco mistério.

Não há teoria nem imaginário nesse poema  
que paulatinamente emerge como fogo,  
antes um indício de algo que, por inexistente,  
sucede que aparece nitidamente como percalço  
do mais desinibido alcance.

Entre o que é e delimita o horizonte  
e aquilo que se ignora porque se desconhece  
até que ponto a língua testemunha do real,  
nenhum hiato, paradoxal ou heterodoxo,  
simplesmente o ignorante ilapso da hora.

E mesmo se o esquema se repete monotonamente,  
mesmo se o pensamento deplora o evento,  
acima, sobrepairando sistemático,  
o que de concreto se esvazia na encarnação  
tumultuosa refaz um mundo mais novo.

Como se a gramática possuísse a posse,  
não o mefítico poder, mas o ardor de lábios  
perante a carne outra onde a tensão  
se desenvolve em movimento quase espiral,  
prefigurando uma lição da nevrálgica ciência.

Uma máquina apaixonada pelo homem, uma língua  
tão essencial ao século que quem escreve  
se sente impessoal e sereno,  
único na plenitude do verbo, ao Ser  
devolvendo a malícia de uma impossível visão.

6/5/86

## METEORITO METAFÓRICO

Começo de mais um dia e é noite.  
Fogachos de candeeiros pontuam a escuridão  
com vibrações da luz eléctrica, pontos luminosos  
iludindo-se na repercussão de uma civilização,  
halos imponderáveis ponderando uma visibilidade  
para quem passa a pé ou de automóvel.  
O silêncio é interrompido pelo sussurrante piano  
de Ketil Bjørnstad no desempenho do tema  
«The First Night» descoberto no terceiro CD  
das *Rainbow Sessions*. Música e nada.  
Uma escuridão estende-se por alguns milhões  
de anos luz como se nada fosse.  
O abissal é uma simples constatação.  
Nunca houve, possivelmente, uma primeira noite.  
Mas há línguas, e músicas, que dizem a beleza  
de uma ausência ou de uma inexistência  
apresentando-se como um preenchimento  
no que é sentido como uma falta ou uma falha.  
Entre a distância obscura do que nos parece eterno  
e a concomitância do que está perto  
não se vislumbra nenhuma disparidade.  
O real possui a sua realidade.  
Sons de um piano abafado pela hora  
da noite pontuam a sensibilidade coeva  
de quem escreve junto a uma janela despovoada.  
A vida não arfa. A vida não arde. A vida vive.  
De redundância tautológica desfigura-se  
o que poderia ser um pensamento incoativo,  
mas como evitar a aporia?  
Aposta à escuridão da noite a linguagem,  
tantas vezes humana, desconhece que verdade  
poderia salvar uma impressão de uma sensação.  
Haverá um começo do dia? Um começo  
de qualquer coisa? Há a música que desvela  
uma passagem, meteorito metafórico, um fogacho.

6/5/2010

## MAIS

Pegajoso e esplenético o sentimento  
dilui-se nos confins da selvagem memória,  
há um mundo e há um homem,  
tudo o mais aparece essencial ao olhar  
de quem se pensa transcendente ao Tempo.

Mas que mais aufere da luz ou da história?  
E que silêncio salvaguarda o carisma  
de uma teimosia que brada no cúmulo sensual  
a vida periclitante do testemunho?  
E que evocação restitui a forma?

Esse não é o poema, mas a metamorfose,  
um movimento circular de convulsão anímica,  
como se princípio e fim resumissem o caos,  
ou como se da plenitude do saber  
restasse apenas o riso da desesperança.

É contudo errado pensar-se assim.  
Porque mais do que um sistema de valores,  
quem arfa fabrica no eco dos sentidos  
a verdadeira caminhada do perigo,  
sem que à verdade se impute qualquer brilho.

Tudo é mais complicado e indizível.  
Cabe ao papel de quem não é ninguém ou só é  
quem se faz e desfaz pelo tempo despedido,  
mostrar silenciosamente, sem ideologias,  
a terrível chaga da lucidez devoluta.

Não é a morte mesmo se se assemelha à morte.  
Antes é uma espécie feérica de casulo,  
um espaço dentro do tempo, um tempo especial  
divulgando ao homem sua essência,  
ao custo, deplorável, da sintaxe estarrecida.

6/5/86

## O SILÊNCIO

E depois o silêncio. Arfando, arfando,  
numa estabilidade contínua,  
sedosa membrana concutida aqui e ali  
por uma desavinda sonoridade.  
O silêncio sideral apoderando-se imagem  
da consciência ferida, como uma sintaxe  
que não pode ser interrompida.  
Sim, estar especado à janela diante de tudo  
o que surge como noite e escuridão e cegueira  
não é uma experiência inolvidável.  
Não é, talvez, uma experiência.  
É um hábito. Ver o invisível,  
não o invisível metafísico,  
de fogosas discussões abstractas,  
mas o invisível físico, que se encontra  
adiante e quase pode ser apalpado.  
Nenhum corpo de mulher é mais fascinante  
ou fácil. Ver a própria cegueira.  
O que não há do que há.  
Esta é a oportunidade de agora,  
esta é uma oportunidade de sempre.  
Nenhum desleixo da imaginação  
poderá imaginar tal coisa fora do alcance  
da ficção. Mas a realidade  
é muitas vezes irreal. Desrealizada.  
Como este silêncio que não paira  
nem abrasa o momento de ostentações  
de forma ou de conteúdo,  
este silêncio saturado de si mesmo  
em si mesmo desafiando a sua percepção.  
Estar aqui. Estar. Um corpo  
perdeu a sua alma, a alma faz-se silêncio  
para poder ser sentida pelo corpo.  
O mistério de tudo nem é mistério  
nem se cerca da concorrência de um tudo.

6/5/2010

## DESLIZE

A própria carne se dissocia do corpo próprio,  
órgãos seduzem pelo sangue a consciência  
que não se tem da totalidade.

Mas vive-se entre a dor sem sacrifício  
e o espúrio medo, de cair fulminado no chão,  
no zelo terrível da mediocridade ocidental.

Perguntas obsoletas insurgem-se no acme,  
sente-se que algo nos deturpa, ignora-se o quê,  
fica-se perplexo no isolamento da alma.

Haverá alguma coisa a fazer?  
Ninguém realmente responde, a metafísica  
apodrece na civilização como um cadáver nítido.

Sai-se e entra-se, passam os dias,  
em que tempo se revive o tempo,  
em que lugar do mundo se é homem?

Um quadro infinito no branco em frente.  
O olhar disjuntivo, a visão intermitente.  
Que silêncio engravida a estadia do homem?

Se não se é quem se é, que nos falta?  
Quem nos falha? A malha da rede fecha-se,  
só não se sufoca porque arde a imaginação.

Onde reside o problema? Em que período  
da vida, do século, do tempo que desgoverna?  
Em que carne se faz ao corpo uma suspeita?

A doença, vocifera a nostalgia da peste.  
A alquimia do sédulo deslize da sedução.  
Vertigem, tua queda a perda da superfície!

6/5/86

## AFIRMAÇÃO ESTRANHA

Passos que se deram na consciência do tempo,  
visões que se absorveram na adiaforia  
da experiência quotidiana, palavras proferidas  
em discussões melancólicas, tudo isso  
foi vida? Tudo isso pode ser uma memória?  
Húmida inquietação da hora, viver um ser  
não é coisa fácil, passar pela consciência  
não quer dizer que se tenha abraçado a ciência  
de um saber ou de uma interrogação.  
Nada se deixa interrogar. Mesmo se o nada  
possui uma língua e uma arbitragem.  
O feito e o desfeito não concorrem, efeitos,  
para um presente. Não assumem uma história.  
Não há oferta ou presente onde não há o que há!  
Que há? Há uma noite siderada pela irreal  
manifestação do pensamento abstruso,  
uma intrusa considerando as suas premissas  
como revoluções de uma mentalidade coeva.  
Ouve-se contudo um piano perorando profecias  
irrompidas das suas teclas, houve dedos  
capazes de soletrá-lo. Algures houve um mundo  
onde agora não há. Afirmação estranha!  
Que dizer procura perfazer uma ambiguidade,  
que ambiguidade será mais do que a ilusão  
de uma qualquer verdade? Ver e sentir  
da idade que passa o que mais ninguém, por ser  
ninguém, poderá ver ou sentir! Passos do tempo  
tentando com tentações infáveis salvar  
do tempo uma idade, uma época, um tempo.  
E para quê? Nada do que foi serve para nada.  
Houve experiências e acontecimentos,  
que há agora? Apenas a sensação do que há.  
Nada. Uma mentira impossível, uma língua  
incapaz de devolver ao tempo a sua parte do fogo,  
a cumplicidade sensual de um sedoso afago.

6/5/2010

## A ORDEM DO DILÚVIO

Há possivelmente uma família do homem,  
haverá certamente um anjo desfeito em pranto,  
houve contudo quem não acreditasse na palavra,  
é importante reconhecer a extensão do desastre?

Pelo truísmo nada se vence, quer a civilização  
se incorpore ao sonho da demência, quer o homem  
se comporte como um objecto metafísico  
rodeado de clamores e de incêndios vadios.

Nulo, o poema retoma o arfar da criança,  
mas nenhuma inocência salva da morte o caos,  
nenhum riso redime ou tempera a catástrofe  
alinhavada no consenso das nefastas nações.

Ouve-se falar do amor como se fosse possível  
uma moralidade dos sentidos, uma normalidade  
da fala perante o coevo estremecimento da forma  
quando o sitibundo derrame eclode informe.

Vê-se a realidade dos dias e do lugar,  
algo passa sem ser sombra ou metamorfose,  
um sopro investido do contrário do espírito,  
última fogueira negando a material matéria.

Ficam inóspitas e cegas as palavras no branco,  
nenhum fio nem nenhum dédalo, antes a ruína,  
um amontoado de nonadas desfigurando a imagem  
que já se possuiu outrora, no degelo insano.

Nenhuma voz para se soltar o grito nefando.  
Horror, horror, balbuciam em pleno estertor  
o erro e a falta, a negação como presença,  
a ordem do dilúvio como sublimada ausência.

6/5/86

## INCONCEBÍVEL DECALQUE

Amanhece magnificamente nos interstícios do sol,  
o fulgor explode em luminosidades exuberantes,  
se todos os dias pudessem ser assim!  
A sala inebriada com tanta malícia dourada  
parece acrescida de uma dimensão mais profunda,  
como gozar esta deliberação do acaso atmosférico?  
Ouvindo, certamente, alguma música.  
Escolhe-se de Fauré o seu inestimável «Requiem»  
como quem se compraz com um atrevimento  
da cultura, a verdade é que uma inesperada verdade  
se espalha pela candura dos objectos iluminados  
estranhamente, como se houvesse mais do que o que há,  
uma solenidade insubstituível, um momento  
quase perfeito na iniciativa da manhã que prolifera.  
A vida podia ser isto. A vida podia ser assim.  
A vida. Deitado num sofá que já foi mítico, deitado  
na disposição célere de ouvir o invisível  
da materialidade sonora, fecho os olhos e entro  
como uma ausência humana no lamento das vozes  
que se entranham na incomensurabilidade  
da consciência aflita, que gozo será possível?  
Que crise, social ou cambial ou económica, poderá ser  
perdida? Afinal o que são as sociedades? Não são,  
infelizmente, música. Mas são, parecem ser,  
do «Requiem», de qualquer «Requiem», de Fauré  
ou de outros, um inconcebível decalque, civilizacional  
sem dúvida. Perdidos os olhos que se fecham  
ao que ainda dizem que é mundo, abro-me por dentro  
como se houvesse algures um fora, explodindo  
em cada requebro do som, sensual manifestação  
de uma prática que nunca mereceu a sua teoria clara  
ou mesmo esclarecida. A vida. Judith Blegen, soprano,  
sopra todas as fibras do avatar homem, haverá  
uma língua capaz de dar do momento o seu espanto  
sem que se erija, economicamente, em monumento?

6/5/2010



## IMPOTÊNCIA

Que alegria, abstracto Amor, que pasmaceira  
no conluio da imanência com o desamor da terra?  
Que felicidade invade a soltura apocalíptica,  
que necessidade impera no subterrâneo da fome?  
Insonoros gritos diluem-se no espaço da morte,  
que fica do sangue quando a terra se amortalha?

Concluído e final o sorriso deblatera, a vida  
excomunga o delírio, só pela cinza se alcança  
o verso possível, a sublime essência do mundo  
confinado à medida do intemporal combate.  
Só pela arte se nega o homem, se mente a luz,  
nefasta semente caindo no tórrido deserto!

Excruciante e impoluto o pensamento moderno  
não distingue no corpo as partes constituintes,  
tudo se resume ao total do todo, ficam assim  
perdidas as nuances do desgosto como da sorte,  
assim se acha perdido quem pela vertigem vem  
trucidar o Verbo inserido no acme do Tempo.

Atracções desfeitas, movimentos rebeldes,  
a hora compõe-se de heterogéneas membranas,  
a vida silencia-se como obstáculo nodoso,  
o poema petrifica-se em contacto com o Nada,  
sucedem-se imagens sem real existência,  
corpo a corpo nenhuma batalha se ganha!

Do dito fica o esquisito apagamento, viver!  
Do sentido compulsa-se apenas a oca memória  
onde se pensou alcançar a eternidade do soluço.  
Nem uma só palavra disponível, mas o ruído,  
o ódio insepulto de uma era despossuída!  
Ler significa apenas inventar o último mito!

6/5/86

## O ASPECTÁVEL, O ASPICIENTE

Quando a manhã se transforma em tarde,  
sem que aparentemente ninguém dê por isso,  
excepto talvez a sirene de uma instituição qualquer,  
por exemplo, de uma fábrica desiludida,  
uma nebulosidade que não alcança o espermático  
de uma adjetivação intempestiva suspende-se estática  
sobre a serra inesperadamente aspectável,  
uma visão que surripia à paisagem qualquer desvelo  
ou qualquer traumatismo aspiciente.

A alegria, fluctígera, instala-se na contiguidade  
do olhar, são ondas de ondas desconhecidos, passagens  
para outros continentes onde a imaginação é proibida.

Que fizeram da terra? Que fizeram do mundo?

Que capital ousaram subtrair ao capital?

Não são perguntas. São devoluções de simulacros  
que esvoaçam na imensidão cadavérica

das ideias e das ficções que teceram ao longo de anos,  
durante os séculos em que explorar era normal.

Nunca foi um mal o homem ser um mal.

Nunca foi destituída de alguma razão a prática  
tantas vezes histórica de se fazerem escravos  
aqueles seres que parecem ser os mais fracos do elo.

Mas a alegria subsiste, estupidamente alicerçada  
na ilusão de um sentimento estético, a alegria de ver  
num alto de uma serra um palácio perdido  
nos escombros milenários da pedra apocalíptica.

Foi a terra que trouxe o homem ao mundo.

Que o ature. Mas desses humilhados e ofendidos,  
como os quiseram em certo século da invenção social,  
que dizer? Que alegria? A vergonha não acode  
aos rostos protegidos pela vesânia, a indiferença  
é agora uma filosofia, um modo de ser, uma cultura.

Quando o mundo deixa de se transformar,  
a vida está perdida. Nenhuma inocente alegria  
a poderá salvar. O aspiciente deixa de ser aspectável.

6/5/2010

## NOVAS MODALIDADES DO MITO

Nunca saberás, Leitor, com que sofrimento  
recrio uma terra e um mundo e um precipício,  
viver foi talvez uma categoria do castigo,  
lembrar é sucumbir ao desejo sem prazer!

Acontecem as coisas em cada segundo, fica  
a onnipotente dor, um vasto descalabro nítido,  
fingimento diante do absoluto, quando o relativo  
refaz em ilusão a memória do impossível nuto!

Nunca ousarás, Leitor, pôr um passo que seja  
nesta areia do apocalipse, a luz guerreia virgem  
o pouco que se soube e se ignora, o ficto olhar  
devolve ao Intemporal a garra e o declive!

Não te minto dizendo que há alegria no vazio  
da ausência em conluio com o medo, a demência  
não suporta nenhum prémio nem nenhum aviso,  
viver cabe ao homem que ignora o martírio!

Nunca suspeitarás, Leitor, da tua inexistência  
como real mola de suspensão no universo,  
o enigma desdobra-se em ambiguidade, a era  
desfaz o Tempo em partículas do obsessivo!

E quando se chora uma personagem ou máscara,  
há muito conceitos como verdade ou amor  
perderam o brilho da origem ou o engano  
da nostalgia enfrentando a nudez do sentido!

Nunca viverás, Leitor, a dor do momento aflito,  
antes revigorarás o Mito, diante a nódoa  
cós mica, um borrão amalgamado de substância  
para a essência do mistério entenebrecido!

6/5/86

## O CORPO

Que vai ser do dia? Idas e vindas à factual medicina.  
O corpo, trucidado pelas truculências sociais,  
obtempera com doenças e sofrimentos,  
levá-lo a exames é o menos que se pode fazer.  
Viver e morrer, viver e morrer, é a cantilena.  
A que ninguém se habitua. Mas ela paira agoural  
no seu mimetismo exclusivo, como uma maldição  
que tudo faz para não ser reconhecida.  
Conceder um fim ao que aparentemente  
continua não é coisa fácil. Já desejar começos  
prolifera nas esferas da futilidade social,  
uma máquina revolucionária na comunicação  
de nada alegra os especuladores da hora tecnológica,  
há sempre uma lógica quando se deseja vender  
o que perdeu a alma. Não há mais profetas.  
Os avanços da ciência destruíram em destroços  
as mentalidades atávicas, só o asseptizado simulacro  
de uma felicidade parece ganhar ainda alguns  
imperecíveis seguidores. Vender ilusões.  
Comprar passatempos. Exigir uma produção  
capaz de oferecer riqueza a quem menos precisa.  
São sempre os mesmos. Os mais capazes.  
Os inteligentes. Os que possuem uma visão.  
Já não se fala em exploração. São os insuspeitáveis  
mercados, essa maravilha da descoberta  
contemporânea, que mandam e pontificam.  
Novos deuses desceram à terra. Que conquista!  
Ei-los que aparecem televisivos perante os ocos  
das consciências deixadas inconclusivas,  
quem governa o mundo, dizem, não é a ideologia,  
é a neutra máquina que não distingue quem  
é quem nem de onde vem o grito, de alegria ou de dor.  
Lá vou eu chatear mais um doutor, evidenciar  
meu corpo sofrido como uma matéria para estudo.  
Os avanços da medicina são indesmentíveis.

6/5/2010

## INTERFERÊNCIAS

Dou-me a pensar no presente que advém  
como se alhures em mim algo se tivesse  
modificado na noção carnal do tempo  
que me preside, há uma sintaxe do verso  
que se imiscui com a luz do mítico fora,  
sem reflexo no espaço da tarde ventosa  
onde o que resta da ideia de Ser fenece  
para que o poema seja ainda possível.  
Medidas misturam-se no auge intemporal,  
sentir é ver, ver não coincide muitas vezes  
com o sentimento que se possui do Verbo,  
ou da necessidade urgente de definição  
que colhe o pensamento entre o horizonte  
do imaginário e o perto da respiração.  
Tempo terrível da disponibilidade ôptica,  
certas palavras inventando uma memória,  
certas regras diluindo a temperatura  
do que sendo história surge no negativo  
de notícias que nos deixam indiferentes.  
Radioactivos são os céus azuis de nojo,  
mapas intestinos sucumbem em dispositivos  
construídos na cimeira da imbecilidade,  
horror abraça o terror de manifestas horas  
onde a raiva trucida inocentes que ignoram  
se do mundo revivem a discrepância ignóbil.  
Dou-me a sonhar com a realidade de hoje,  
um homem de trinta e oito anos no corpo  
que me fere de dores e consumições breves,  
uma consciência sem ciência, aposta na alma  
como se a inteligência soubesse pelo olhar  
que ritmo exigir da nossa maldita presença.  
Nem encontro beleza nem fascínio, a suspeita  
abeira-me do declínio e o precipício abre  
suas asas melodramáticas de revelação,  
escolher palavras é como ser escolhido,  
nunca eleito, mas vítima da voz ausente  
que insinua do mundo a maravilha passada,

ou um futuro de agonia neste presente.

7/5/86

## O SONO DO SONHO

Obnubilado pela abóbada cinzenta que lentamente desfila para nenhum destino, olhando pela janela que não desperta nem atíça, procuro ser da vida um momento, tentando, palavra a palavra, configurar uma experiência humana.

A tarde não se faz tarde, um olhar para o relógio desmente qualquer desentendimento com o tempo, que dizer? Ou melhor, que ser agora?

Há sempre um homem na virtualidade do humano que nos assiste, há sempre uma realidade arvorando percepções e sensações, só não há o sol capaz de activar a língua. A terra cobriu-se de nuvens, as nuvens destroem qualquer pensamento, a tentativa de dizer fica-se apenas pela tentação.

Se houvesse sol tudo seria diferente. Se houvesse o que não há no mundo como o conhecemos tudo poderia ser diferente. Poderia, nunca se sabe ou se terá uma certeza. É imprezível

o que não é, mas será compreensível este sono que parece não ser capaz de despertar no sonho de se estar a viver mais um dia? Que se vê?

Que se ouve? Que se sente? Os sentidos amorfos ou amarfanhados não dão do que acontece a excisão de um acontecimento, nada acontece, mas não, aparentemente, como um nada.

A língua utilizada tem que aprender com as convulsões da realidade, alguém terá que definir um padrão, mas quem? Falece a voz que disse mundo, a voz desertou do mundo, agora só existem negócios e relações, ralações que deixam os homens e as mulheres sem estado.

7/5/2010

## O AMOR COMO PONTO DE CHEGADA

Mesmo se se trata do amor descarnado,  
é amor, amor, sentir-te como um eflúvio  
do fora do tempo, sem ser intemporal  
a sensação ou o tenebroso sentimento!

Nada mais, por rarefacção, poderá ser!  
Inventa-se um vocábulo inessencial,  
mas compreende-se o desejo, a necessidade  
de trazer à forma o conteúdo do dever!

Mesmo se é impossível conceber vivo  
um amor despido de história ou ideologia,  
é em plena civilização que se recria  
uma rima definida nos seus quase termos!

Porque o derrame ontológico existe e é!  
Alguém, ou alguma coisa, tem que absorver  
esta luz infinita onde as palavras ditas  
reflectem o mimetismo de uma revelação.

Desconhece-se o que se diz, mas no papel  
que nos cabe cabe também o papel branco  
onde signos do tamanho da inconsciência  
preenchem o vazio da memória inalterável!

Ei-lo, o poema, inacabado acto da vontade  
que coexiste com a preguiça, uma forma  
atávica do desejo, uma hora de prazer  
devoluta até ao estupor do contentamento!

Nenhum absoluto, nenhum luto, apenas o riso  
alçado em cataclismo de contrários, dizer  
vida como quem mussita um sinal objecto  
no concreto limite da condição humana!

7/5/86

## FALHA TERRÍVEL

Um cansaço inconcebível mas histórico,  
ou simplesmente histriônico, abate-se confuso  
sobre a lógica de uma virtualidade perdida,  
que foi feito do jeito de uma agilidade existencial?  
Que imponderabilidade delibera um caos?  
O mundo não diz nada, a terra evolui circunscrita  
a aparências de escritas, quem as sabe desvendar?  
As polémicas são inúmeras. As conclusões  
nenhumas. Ninguém sabe nada de nada.  
E de tudo o mais, o que se sabe? A ciência  
circunsona estudos e análises e hipóteses mais  
ou menos científicas, que diz do que não possui  
uma audível ou inaudível fala? Ninguém  
sabe o nada de tudo o que nos rodeia. Cercados  
de palavras e de perorações pérfidas exigimos  
um saber, um conhecimento, mas tudo falha.  
Falha terrível na consciência contemporânea, falta  
talvez a ousadia de se perder um mundo  
para se achar uma outra terra, a mesma vista  
por olhos diferentes, capazes de a respeitar  
no silêncio quase místico com que nos reclama.  
Quem, verdadeiramente, neste momento,  
nos chama? No cansaço imarcescível da hora  
quem desflora o que nos deplora? A indiferença  
crepita alheia aos perigos que irrompem  
como se outra memória tivesse lugar no tempo.  
Quem implora por uma lei capaz de trazer paz?  
Ninguém. Quem merece uma justiça? Quem,  
de quem vive neste mundo feito de custos  
e de empréstimos, exige uma outra história?  
Todos procuram ter da riqueza a sua quota-parte,  
um direito, pensam eles, que não sabem pensar.  
Deveres? Há sempre os outros para arcarem  
com as responsabilidades, há sempre alguém  
mais escravo na cadeia ignorante dos escravos!

7/5/2010



## ASSIM

As árvores indiferentes  
balouçando pelo tempo da visão sonora,  
um atrevimento da consciência  
quando a dor se esquece de suas garras!

Escrever decompõe-se em fatias do eterno,  
um verso destemperado,  
um segredo despossuído em cada sílaba,  
a nostalgia sem real passado!

Porque não é mundo quem quer!  
Ousa-se um poema,  
que luz brilha no limite da coragem,  
que realidade de homem permite o engano?

Assim, indefinido,  
o amálgama de sentidos perdidos,  
aliterações seculares diluindo em vão  
a permanência do que é proibido!

Oh, sim, dizer o indizível!  
Não a construção racional do mundo,  
as tintas da consciência no ver,  
mas a ignorância do que acontece perfeitamente!

Vive-se entre escalas e medidas,  
o tempo arqueja e sucumbe arquétipo  
de filosofias, o lugar é quase um mito  
incapaz de conter tanta existência!

Nada a fazer em tudo quanto se faz!  
Não é uma sabedoria latejante de sangue,  
não é um saber, mas a fala  
do que se chama a chama da sobrevivência!

7/5/86

## UMA VERGONHA

Confinado ao que é, a tarde obscurecida em meandros de nebulosidades baixas, quem escreve ignora de todo onde existe uma hora, um seio, uma memória, um nó. O destino não faz sentido, a desenvoltura do mundo muda a cada momento, dizer que há um mundo não leva, infelizmente, ninguém a nada. Ninguém, verdade seja dita, deseja confrontar o nada. Tudo está como se sempre tivesse estado, o estado do mundo não congrega as inteligências estudadas nas escolas do magno capital. Há mal? Não, só há pobreza disfarçada em miséria, ou vice versa. Tudo o mais parece ser um tudo, mas é pura mentira. Fragmentos e despojos da humanidade nem sequer precisam de um sustentável naufrágio, a realidade é o que é, simples tautologia indiferente a dúvidas precisas ou meramente existenciais. As palavras jogam com as palavras, é uma maneira de se imolar o pensamento inconcebível num fogo fátuo, é a brincadeira infantil das sociedades globais enfatizando o pó do que deixou de ser civilização para só ser um lugar do negócio e da transacção. Tudo está bem, dizem os que não sofrem. Os que estão mal não sabem muito bem o que dizer, ou, pior ainda, o que fazer. A modernidade é contemporânea, resta saber de quê! O avanço da humanidade é notório. Resta saber em quê! Este quê é o maior enigma da época. Não pode, aparentemente, ser sentido ou pensado. Só pode ser vivido como uma vergonha.

7/5/2010

## QUE SER?

A vertigem madefica-se no olhar,  
nenhum artista para descobrir ou encontrar  
a realidade das coisas, o fundo  
onde possivelmente haverá mundo  
ou simplesmente o apogeu do deserto.  
Espera-se um sinal, nada advém, o ser, deserto,  
esvai-se em cacofonias do impessoal,  
como se fosse possível buscar ao imemorial  
um sentido devoluto, ou uma arca  
onde a parca  
ausência manobra o delírio fortuito  
do declínio, o muito  
que se esquece na deplorável memória  
quando a existência coincide com a história.

Que Ser, ó Amor,  
se viver se perde no despudor  
da língua incapaz de reflectir a hora,  
como outrora  
em poetas inocentes da vida e da morte?  
Que se pede à inefável sorte?  
Um sorriso ou um aviso?  
Aquele que troça delirantemente do riso  
saberá onde buscar um selo que seja eterno?  
Porque, se o ciclo terno  
da voz clama uma presença,  
onde reencontrar o equilíbrio senão na doença?

De impossibilidade em impossibilidade  
faz-se a canção da idade,  
o horror determinante e feroz,  
o espasmo uma fluida foz  
enraivecida pelo mecanismo da criação.  
Nenhuma sofrível ou meritória acção,  
mas apenas o degelo estarecido,  
o desgoverno do sentido  
tecido na própria rede do mericismo, actual

cataclismo ousando a imagem essencial.

7/5/86

### *MATER*

Na ignomínia de uma tarde inóspita  
chega-me de Bratislava, via Vladimír Godár,  
esta peça musical, *Mater*, onde mergulho  
como quem quisesse respirar. Afundo-me  
nas vozes de um coro devorado pelos instrumentos  
da tristeza, mas onde há alguma coisa  
haverá sentimentos? Nem alegria nem tristeza,  
antes uma atmosfera cuja língua,  
por me ser incompreensível, não pode ser  
de nenhuma mãe. Mas o fascínio rasga a tarde,  
como se um sol fendesse as nuvens,  
como se a voz de Iva Bittová pudesse dizer  
o que nunca foi dito, o que não pode ser dito.  
Amor. Há um silêncio nesta música,  
há uma presença vivendo da ausência,  
há esta matéria ousando ser mundo  
para quem ignora como descobrir uma força  
nas forças que abundam na fereza do mal.  
É uma veemência inexplicável,  
que voz alguma vez poderá verdadeiramente  
ser humana? São tantos os sofrimentos,  
tantos os erros do pensamento, tantas as ânsias  
desejando da realidade uma confirmação  
que não pode ser dispensada. Que caos é este  
que coalesce na coerência de uma voz  
determinada a dizer? E que beleza se insinua  
na nua derisão de um pessimismo que me deturpa  
e amarga? Que vida vive paralela à vida?  
Alguma vez, algures no que escrevi,  
fui capaz de transmitir este arrepio que grassa  
no que atravessa: na própria carne?

7/5/2010

## ENTRETANTO, VIVER

Tudo surge como se também o nada fosse possível.  
Não cabe à sombra permanecer símbolo ou rito,  
nem à ideia transfigurar o pensamento.  
Exige-se apenas da imaginação uma realidade.  
Da terra e do mundo, do cerco e do delírio.  
Qualquer homem possui o olhar, mas que homem  
transparece no desejo, e que beijo inaugura  
uma maneira de se estar na terra sobrevivendo?  
Palavra terrível, cicizar deserto ao ouvido  
de quem ignora o prazer do incêndio anímico,  
falha a civilização no seu caquético riso,  
um ovo depauperado pela avareza ontológica.  
Sinal intransponível, ver como um cadáver  
a queda e o deslize, sentir no aflito altar  
a nostalgia, o passo perdido diante do tempo.  
E depois, haverá alguma vez um depois?  
Nada também se sabe, mas quão difícil é sofrer  
em cada minuto o passamento, a morte viva,  
ustão terebrante dos nervos galvanizando  
em pensamento o real da carne intransmissível!  
Um irmão neste declive será ainda a exacta  
medida para o impossível de uma redenção?  
Arfa a história categorias do inominável,  
ensina-se o decreto e exterioriza-se a fome,  
que mão suaviza o corpo, que espírito amortalha?  
Sim, escrever recompensa e abre e desperta,  
o intransitivo amor derrama-se pela calçada,  
um céu figurativo, um chão mesquinho, a poesia  
translúcida de um ensimesmamento desgovernado.  
Resta ao verbo deixar de o ser, para que ao Ser  
seja possível finalmente uma epifania do acaso,  
um brilho sem luz, uma ambiguidade feita amor,  
calor das antinomias perclusas no achado,  
grito siderando em chama o auge da permanência.  
Entretanto, viver, cada som um espelho, a vida  
um estremecimento no sono telúrico do destino,

a palavra um apelo reduzido à pura contingência!

7/5/86

## SUBVERTIDO E SUBMERSO

Subvertido pelo som soletro apenas o espanto  
de ainda estar vivo, de ainda saber sentir  
o que surge no cúmulo do tempo,  
como se eu próprio fosse música  
de qualquer acontecimento, uma voz  
rodeada de instrumentos tentando seduzir  
o que não pode ser seduzido: a morte.  
Eclipsada a tarde resta-me sulcar a sonoridade  
que se abeira como caminho a percorrer,  
vou tartamudeando notícias da minha presença,  
vou colocando passo após passo meus pés  
na terra de ninguém, quem descobrirá em mim  
uma dimensão capaz de fazer esquecer o tempo,  
a existência, o sofrimento, a própria terra?  
Aterrado pelo que estou a sentir  
faço de conta que este é o sentimento  
que sempre procurei nas fimbrias gastas  
da memória e na eclosão da contemporaneidade,  
repetir por alguns segundos esta harmonia,  
suportar a dor de uma alegria que me fende  
em estilhaços de ser, um nada multímido  
escapulindo-se pelas incongruências  
intelectuais onde tantas vezes me perdi.  
Alguma vez fui família? Filho de alguém,  
pai de alguém, marido de alguém, irmão  
de alguém? Onde está a minha vida?  
Onde está? Onde está a vida que não está?  
Submerso pelo som peço apenas  
que o silêncio irrompa no momento,  
tanta música deixa-me desamparado, órfão  
de mim mesmo em mim mesmo abismado.

7/5/2010

## DIRIGINDO-SE À VOZ

Clangor, teu silêncio longínquo atordoa  
de disparates a atilada revelação, viver  
deixou o segredo transmigrar para o mistério,  
antinomias desaguardam em mim como miragens!

Sopras terrível de consenso uma cidade  
entre nuvens de imaginação deslocada, amar  
é um sentimento desconhecido nessas plagas,  
escrever coincide com sinónimos ominosos!

Um braseiro apodrece em fumo níveo de sol,  
ruídos e gritos, a mancha de sangue faz reviver  
quem se cala como mulher do destino desfeito,  
não haver é quase percutir uma origem humana!

Passam os dias, pasmam as horas, que vida  
entenebrece os sentidos, que sofridos olhos  
serão capazes de restituir ao olhar a alegria  
de uma composição alicerçada no ingente nada?

Estamos aí, ó revérbero do som, tua voz claudica,  
teus mimetismos perdem a cor do animal homem,  
cada anterior ambiguidade uma posterior chama  
ousando diluir o critério da arte nefanda!

Quanta dor no choro! Quanto ardor no princípio!  
O livro repleto de branco, o silêncio aflito  
com que se lê a mádida metamorfose, um ser  
tão monstruoso como o carácter da nostalgia!

Ninguém ainda nos reconhece, ó tempo, nem o lugar  
que se habita deixa transparecer um espaço!  
Mas teu regaço alberga o inefável, o possível  
do futuro quando se ousa viver a relatividade!

7/5/86

## O SILÊNCIO DA MÚSICA

Quase por acaso, acontecido o silêncio,  
um sol tímido irrompeu no ocidente  
como se nos fosse possível contemplar  
um acidente cósmico, um cataclismo  
da ordem do caos, um horror impensável.  
Impensado limito-me a não sentir a tarde  
que se esvai em categorias do tempo,  
os dias concedem as suas estações, o dia  
fecha-se com o advento da noite isenta.  
Um vento frio desola esta região da terra,  
quando é primavera, quando é alguma coisa?  
As coisas nada nos dizem. O silêncio diz  
que já houve uma música nesta tarde,  
que ficou do que foi? Um corpo aturdido  
não quer responder, seria de todo abusivo  
complementar ilações com o sucedido.  
Que sucedeu? Há acontecimentos, há  
esquecimentos, há um desejo conspícuo  
de não pactuar com fáceis mistificações.  
Este silêncio é uma estranha saliência  
de uma concepção do mundo, deixemos  
ao mundo a oportunidade de se revelar.  
Ao mundo o que é do mundo, à palavra  
o que é da palavra. Muito pouco. Quase  
nada. Nada como perceber o mecanismo  
da representação para se evitar o desvelo  
de qualquer interpretação, melhor saber  
de antemão que não se chegará a lado  
nenhum. E no entanto, e no entanto há,  
ou houve, no que se ouviu, outra coisa  
que se confundiu com a impossibilidade  
da coisa, com a impossibilidade de ser  
coisa o que foi, o que sucedeu e passou.  
Só a música é língua para o inefável.  
Vale a pena negar a presença inegável?

7/5/2010



## A EXPERIÊNCIA

Quando a morte nos espreita no hospital,  
no acaso da cura, exposto a enfermeiros  
e médicos, só a ironia posterior suaviza  
o profundo terror que se sentiu indevido!

É cedo talvez demais para chafurdar, animal,  
na dor e no medo que nos lanceou, o desmaio  
foi uma hipótese e um horizonte, cair o verbo  
que emerge à consciência despedaçada!

O oculto corpo que se insurge da piedade  
inchou desmedidamente, a pele vermelha e fria,  
por dentro, nos canais onde o sangue adivinha,  
o ódio da fogueira lambeu minhas entranhas.

Pensei: é agora! Horror, sentir a morte perto,  
e ver, como se um outro objecto, quem se foi  
no minuto de queda, a realidade fixa no olhar,  
e o olhar implorando um milagre ou a estadia.

Saí combalido e vivo como quem morre novo  
e ressuscita, minha mulher a jangada humana,  
outros doentes a paisagem da clínica moderna  
onde ousei saber o sopro da desconhecida!

Pelo caminho o vazio da consciência dorida,  
o automóvel guiado por mão amiga, as árvores  
da cidade sacudidas pelo vento, minha agonia  
dura ainda nestas palavras desiludidas!

Para me salvar, ó ironia, ia morrendo!  
E nenhuma máquina, por mais exacta ou zelosa,  
te poderá dar vida. Vi nos olhos activos  
e profissionais meu destino findar-se impune!

8/5/86

## INTIMAMENTE

Chuva e vento e frio e humidade.  
Na portada de outros horizontes  
vejo, infeliz e triste pela falta de sol,  
a chuva fustigar o verde das copas  
de árvores que parecem dançar  
num fantasmático delírio do eco.  
Enciclias violentas vibram céleres  
na superfície da água da piscina,  
sei o que estou a ver? Vejo, acaso,  
o que estou a ser? A casa escorre  
uma desumanidade apática, o som  
coincide com velhas canções onde  
Bob Dylan expõe uma histórica  
cultura que tive o prazer, também  
eu, de conhecer. Talvez não tão  
intimamente como ele, mas quem  
sabe do que sabe, do que ignora?  
«Angelinas» passam pela demora  
desta hora, clássicos da tradição  
como clássicos já de Bob Dylan  
percorrem o tempo da depressão.  
Consigno esquecer a chuva, o frio?  
Não. Maio não corresponde, Maio  
deveria ser um outro mês, a água  
até que é bem-vinda, mas o frio  
e a ausência de sol contradizem  
o que é no que deveria ser! Voz  
do tempo na atmosfera sucessiva  
de um outro tempo, ouço as gotas  
caindo como salpicos de sangue  
numa carne devastada, viver-se  
a terra é um acontecimento? Ter  
vindo habitar este planeta, agora  
que penso nisso, agora que sinto  
este vazio, foi uma boa solução?

8/5/2010

## CRIANCICE

Que sentir me pode libertar  
da angústia e do terno medo?  
Criança me sinto no degredo,  
incapaz de amor ou de amar...

Sinto-me sem me sentir, avatar  
doloroso do único desterro  
onde viver é sentir o segredo  
que nos calha como sedoso lar...

Tautológico o pensamento, amor,  
pensar que pelo sentimento  
se atinge a dor e o fúlvido alor.

Que princípio nos dá alento?  
Viver resume-se ao olhar ablutor  
onde a realidade se faz intento.

13/5/86

## UMA MÚSICA

Uma música que me é desconhecida  
medita insuspeitos pensamentos,  
ouço-a tomado por uma surpresa súbita,  
que me diz o que não consigo dizer?  
Enredado em acentos ancestrais  
divulgo-me em línguas perecíveis,  
será possível que o possível seja possível?  
Ou nada mais é do que realidade?  
Abraço a luz de um sol insolúvel  
e não sei como levá-lo a outras órbitas,  
a outros universos só impossíveis  
no pensamento que me trespassa.  
A música abandona-me no mistério.

13/5/2010

COMO?

Inulto apego, sucumbir ao teu fascínio  
é soletrar avidamente o único caminho  
onde ao homem cabe experimentar o zelo  
do que inexistindo aparece no auge!

Nenhuma língua me fala, nenhuma voz  
me cicia o abrigo e a pousada, tudo  
corrompe, como brasa de fogueira acesa,  
o mimetismo terrível da metamorfose!

Quem se transforma age ctónico apelo  
do inominável, o poema o testemunho,  
a realidade uma imagem, o símbolo apenas  
dirime o factual da vera casualidade!

Propenso à retórica do nulo tempo  
apaga-se em pleno brilho o truísmo,  
contradições fazem a feliz memória  
do acontecimento imaginado essencial!

Como pegar no tumulto que abalroa  
a alma? Como merecer o segundo vital  
onde uma vida se despe do sibilo?  
Como perecer sem se atingir o nada?

Porque a palavra dói como inacção,  
a civilização jaz cadinho do remoinho  
onde uma luz fictícia acende o escuro.  
Lugar é por definição uma ausência!

Salva-se o momento do cataclismo.  
A ousadia houve de se medir o abismo,  
ecos do imponderável narrando a vida  
dum obsceno deslize da consciência!

13/5/86

## NÃO SE SABER!

Não, não deveria estar aqui,  
não deveria ter vindo até esta paisagem  
da língua. Quando todo o corpo nos dói,  
dói dizer o corpo em linguagens  
que ninguém poderá compreender.  
Ao ser o que é do ser. À experiência  
o que for reprodutível. Produzo-me pois  
como quem se apresenta no estado  
lamentável de uma menos que ausência,  
o corpo corporiza-se na dor,  
esta presença edificando o presente  
em que se vive. Lá fora não há um fora.  
Cá dentro não há um dentro.  
Nem uma fronteira, uma linha  
de contacto, uma comunhão humana  
ou previsível. Não se pode dizer,  
penso eu, que se está na dor.  
A dor não é um lugar para uma estadia.  
Dói o corpo como se a cabeça  
não pudesse suportar uma consciência,  
nenhum pensamento. Dói a carne  
como se sentir fosse uma abstracção  
ensinada na escola da convenção honesta.  
Não há nenhum: «Que fazer?»  
Jaz a impossibilidade da pergunta  
na dimensão precisa da impossibilidade,  
as palavras desfilam como adornos  
de um realismo que não merece  
a sua mais devoradora realidade. O real  
não se deixa apreender. Não, digo-me  
quase perdido, não deveria estar  
aqui, não deveria ter vindo. Que coisa  
pois me trouxe aqui, que problema,  
que exigência, que necessidade?  
Tão triste, não se saber!

13/5/2010

## LÍNGUA E SABER

Que há da vida no real para se poder  
sentir o que se escreve como uma revelação?  
Mentir não é uma feia acção. Imaginar  
corresponde ao avanço teratológico da ciência,  
insiste-se no Nada como plena possibilidade,  
e nesse lugar alicerça-se o Infinito.  
Claro que nem sempre corresponde ao desejo  
um prazer de intenção realizada, o medo  
que subsiste no acme da transformação humana  
nem sempre encontra a sua mais pura língua.  
Há recorrências espontâneas da alma,  
um segredo sibilado, uma noção sem saber,  
como se na consciência coincidissem o zelo  
que se põe numa composição da mentalidade.  
Poemas irrompem na veracidade do espelho,  
um rosto transpira a língua nocente de asco,  
uma silhueta perpassa como sombra tardia  
onde o sol dardeja sua necessidade de paz.  
Compreender é preciso o mecanismo cego  
das sensações plurais, os sentidos cativos  
propulsam o auge ao apogeu da memória,  
cabe depois à história deduzir o caminho  
que se percorreu no rigor do tirocínio.  
Fala-se muitas vezes de diálogo. Por que não?  
Tudo é possível! Até reviver o futuro  
na alucinação do passado, um passo em frente,  
um pensamento arvorado ao mimetismo tredo  
da penosa metáfora que realiza a realidade!  
Há quem diga que tudo se resume ao método.  
Ou à configuração. Ou ao molde. Ou ao homem.  
Interpretações eivaram o século de espuma,  
livros translúcidos como a ignorância  
testemunham do ridículo do pensamento,  
mas o ardor existiu, e teve carne o ensejo  
de se perder um destino na ignomínia

que subjaz a todo o incorruptível saber!

13/5/86

## A PROPAGAÇÃO DO ECO

E no entanto aproveitou-se a oportunidade que um império desejo adjudicou à vontade de traduzir o intraduzível, não sou estúpido? Não sou estúpido quando prefiguro um eco para voz nenhuma lançada contra um muro? Contra um muro metafórico, disfórico, branco de uma página que já não existe, de um livro que a ninguém interessa? Não sou estúpido? E que eco é este que não se reconhece no elo que poderia estabelecer com uma imanência do real que nada diz, que nada ciciza, que nada mais é do que o nada perverso, nulo, disperso em todas as coisas? Em todas as coisas passa a percepção de uma insistência, a consciência já não é, nem porventura nunca foi, pensando nisso, consciência de alguma coisa, que veio encobrir a discrepância de uma filosofia, que filosofia deserta qualquer tentativa, feliz ou infeliz, de se pensar? De se pensar! Ilusão de muitas gramáticas intelectuais, a existência parodia uma memória, a memória determina uma história, a humanidade finge um começo e um fim, como se tudo fosse possível no arco tresloucado da abstracção científica. Ciência e providência dão-se as mãos abstrusas, ir, ir sempre em frente, é o mote, a glosa, o dévio impulso. Só há diferença na diferença. O salto nunca foi epistemológico, foi a inevitabilidade da guerra que escalonou ao longo dos séculos épocas e modas. Épocas e modas não são mais do que modos de conceber o tempo do tempo.

13/5/2010

## AO MISTÉRIO SEM COISA

Meando a meandro o pensamento esvazia-se lodo da língua tumefacta, um jogo humano institui-se no âmago da memória, cabe ao desejo traumatizar o corpo em ilécebras irremeáveis do destempero!

Como se fosse habitual merecer o mericismo, azul do céu apagando a terra dos seus calores, a voz primeira invadindo a consciência de medos, o rito quase um mecanismo da obsessão impessoalizada!

Nervos como garras sulcam a carne indefesa, busca-se na palavra a palavra, não o que surge como aparece, mas o que se evita do sofrimento que se sabe existir no apelo à metamorfose!

Movimento e alor cospem uma língua essencial, mas quem se compreende no vil apagamento, quem resiste ao apelo da aurora no pleno zelo que se põe em cada coisa que nunca se faz?

Repete-se a sensibilidade de agora e daqui, mas que tempo refaz o tempo, e que lugar humano corresponde ao deslize da vida? Um lar, diz-se, e depois é só pelo morrer que se sente a vida!

Nada nem ninguém. Releio o disparate. Porquê? Por que se desconhece quem se perde? Onde, se há lugar, se esconde a luz da consciência, que trevas são só a fome que nunca se alcança?

Despedida a sintaxe do degelo e da amargura, resta-nos, aos ignorantes, a alma como fragilidade, uma idade do homem sepulta no remoinho, uma vida inteira consagrada ao mistério sem coisa!

13/5/86



## INDESCULPÁVEIS ATMOSFERAS

Aguaceiros transformam a manhã  
em indesculpáveis atmosferas de uma beleza  
que colhe do sublime o seu substrato  
apenas histórico. Nuvens negras demoram  
intumescidas de água de encontro  
ao sol que perpassa no incêndio líquido  
que transparece na limpidez icástica  
de uma indelével contradição, que pode  
ainda a natureza oferecer-nos? Que momento  
poderá atrever-se a ser olhar, e que olhar  
ousará perceber o casamento de contrários,  
um sol alegrando a terra enquanto o negrume  
das nuvens volumosas irradia no sangue  
uma perplexidade incapaz de história.  
E que luminosidade é esta, húmida e lúcida,  
quase cortando com uma carícia  
desconhecida a intrusão de um pensar  
para lá de qualquer estabelecido pensamento?  
Que força se ergue no ar e comove  
sentidos inesperados no corpo cansado  
de um eu que se desmembra em gotículas  
já caídas no pavimento molhado?  
A limpeza. A experiência de um parto.  
A terra a irromper no mundo, o planeta  
envolvido de céu e o céu declarando-se nulo  
como qualquer língua que o queira definir.  
A beleza é tão precária! Tão exterior!  
Nenhum pintor possuiria tintas ou formas  
capazes de sugerir o real, qualquer um  
pode conseguir uma realidade  
com trapaças de uma arte artificial.  
A vida não é nenhuma correspondência.  
Passa perdida na solidão do mutismo  
que a impede de ser mais do que o mais.  
E no entanto é esse mais que oferta a beleza.

13/5/2010

## INSUBSTANCIAL

Recomeçar tudo de novo, se fosse possível...  
Uma traição, esta manhã inserida assim  
na realidade de tudo... Uma luz antiquíssima  
dissolvendo o tempo de expectativa...  
Não interessa quem fui, quem tenho sido...  
Apetece ser criança sem sofrer o mito  
já intelectualizado... Viver, viver...  
Se fosse possível... Recomeçar tudo de novo,  
diferentemente, entre o selo do eterno  
e a angústia quotidiana da insolvência...  
Viver puro das coisas e dos eventos,  
um homem sem imaginação procurando na terra  
a terra do possível e a utopia do século...  
Oh, sim... Passar a limpo os deveres...  
Limpar a casa e deixar o sol entrar...  
Minguar até à essência e aí permanecer,  
sem contradição nem esmeros de loucura...  
Se só fosse possível... Viver, viver...  
Longe da garra metafísica, no lugar hoje  
sepulto da harmonia... Entre o calor  
de lençóis intemporais, menino, menino...  
Que vergonha sinto!... Ter caído aqui!...  
Aqui mostrar uma desnecessária nostalgia,  
como se fosse pela arte que se vence o medo,  
a mádida metamorfose dos dias... Dos dias...  
Tanto sofrimento!... Tanta ilusão!... Viver  
um sonho e uma estadia, o Alcance, a Distância,  
a Primavera da metáfora disponível...  
Como tudo é inútil... Sáforo e dispensável...  
Ver a manhã e o sol, sua cor reluzindo  
pelos móveis e objectos da casa, do mundo...  
Uma poeira finíssima propagando o voo,  
minha alma, onde moras?... Meu espírito,  
onde resides?... Meu corpo, por que dóis?...  
Ser não coincide com viver... Há outra lei,  
talvez ignara, talvez ignota... Não saber...

Ver... Entre o espanto e a rotina...

14/5/86

## MAIO

Maio desmistifica-se no frio  
que gravita entre o sol e o vento norte,  
maio desmaia numa perplexidade  
que até parece atmosférica,  
que está acontecendo com o tempo?  
O corpo não sabe o que fazer.  
Ora calor pedindo roupas limitótrofes,  
ora frio exigindo ainda agasalho.  
O apartamento parece aparvalhado.  
Calores do corpo inexplorável  
exigem um termómetro medicinal.  
Frios seculares obrigam a noite  
a permanecer no seu esconderijo.  
Que fazer? Maio madefica-se na chuva  
que se desmembra sobre a terra,  
é ver as rosas no roseiral respectivo,  
suas pétalas petulantes perdidas  
em acenos que a brisa acentua, cores  
de um indecência criativa  
cortando a percepção do mundo  
e da terra, odores que trespassam  
como manifestações de uma nova regra.  
Como viver o mês? Desmerecê-lo  
como é, como está sendo, é apenas  
uma das facetas da cobardia.  
Não, melhor tentar compreender  
o incompreensível do que acontece,  
esta ocasião do acaso, talvez  
uma oportunidade para se sentir  
que não há mais puro sentimento  
que a sensação especulativa da sorte.

14/5/2010

## TERRÍVEL

Nenhum soneto me pode viver...  
Não caibo na quente literatura,  
ser é despir o âmago do prazer  
para se regressar à loucura...

Nenhuma língua resume o Ser...  
Espera-se uma revelação, a cura  
em que não se acredita, viver  
irrompe no sonho como aventura!

Passar, passar, diz o Tempo vil.  
Onde encontrar o níveo segredo,  
como deixar de se ser pueril?

Grassa, terrível, o sibilino medo.  
Que memória capaz, ó olhar senil?...  
Resta a cinza do medíocre uredo!...

14/5/86

## SIMULACRO FELIZ

Não custa dizer o que nada se sente.  
Custa, até certo ponto, ouvir a hora  
que pratica uma presença imanente,  
essa desrazão que a filosofia ignora  
mas que se introduz no transparente  
declínio do que outrora foi a aurora.  
A vida é uma deplorável desmedida.  
A morte é do ser a difícil despedida.

Vivemos imbecis no simulacro feliz  
de uma passagem entre duas certas  
datas, o que é finge o que se desdiz,  
o que não é fecha as malhas abertas.

14/5/2010

## MONÓLOGO VISCERAL

Que ousarei ter dentro de mim para dizer?  
Rotina é o nome, em que percalço do ser  
saberei existir pela palavra? Um poema  
nunca coincide com a hora, nenhum tema  
merece do acaso a visita da realidade.  
Haverá em muito de mim um porto? A idade  
deblatera assonâncias existenciais, grito  
é quanto nasce no sem fundo da garganta, o rito  
repete-se cegamente, automático e sideral,  
como se a história dissesse um auge letal.  
Que regresso e que vida para o quotidiano  
do pensamento? A sensibilidade de ano a ano  
perde o seu afluxo de luxo, um deserto  
nasce ao sol impossível do olhar desperto.  
Ir e vir deixam de apaziguar. A contradição  
envelhece de loucura, haverá algures uma lição  
que não se aprendeu quando o tempo o exigia?  
Passar pela dor é sentir em plena agonia  
o espanto da memória, o absurdo encanto  
da carne desfeita na dispersão do manto  
que cobre o homem de angustiosa frieza.  
Como, de outra essência, reinventar a natureza?  
Estar aqui o que significa? Viver um olhar  
cancela os outros sentidos, como comungar  
com a totalidade de tudo? E é preciso?  
Entre o sofrimento e o destemor conciso  
escreve-se no universo da materialidade  
um destino inoportuno e uma quase saudade,  
que nos falha? Um monumento será a solução?  
Pedir à pedra que nos dê a satisfação  
de servirmos em projecto uma vida isenta,  
como quem desconhece e ignora mas tenta  
reproduzir do Nada as linhas do absoluto.  
Ah, respirar a luz e concluir pelo nuto  
a paz que nunca nos cabe! A lei humana  
traduz uma contingência brutal e insana,  
como destruir o real para se inserir em tudo

a ilusão amada de um amor conspícuo e mudo?

15/5/86

## PERIPÉCIAS PERIGOSAS

Mas quando o tempo se perde em ventanias  
e o sol não bafeja esta parte da terra,  
poalhas do que não chega a ser chuva plena  
invadindo a fragilidade matinal,  
ver da portada da casa a irresponsabilidade  
da natureza pode significar uma desolação tal  
que um desconforto se apodera do corpo  
enquanto a consciência averba uma tristeza  
que expulsa a humanidade do homem  
para a solidão mais cruel e inextricável.  
E não há nada a fazer. Ver os choupos verticais  
e as canas adictícias em peripécias perigosas  
capazes de deturparem um equilíbrio,  
oscilações turbulentas ao sabor indeterminado  
do vento, é uma doença. Faz mal.  
Eu que amo cada vez mais as árvores,  
de um amor totalmente desconhecido outrora  
na minha vida dispersa em interesses  
vários, sinto uma revolta inexcedível, inútil,  
estúpida, compreendendo confusamente  
a minha impotência perante a monstruosidade  
da natureza indiferente às reacções humanas.  
Quem sou eu para não me sentir,  
nesses momentos brutais e dolorosos, da terra?  
Por que razão não há uma sintonia palpável  
entre todas as manifestações terrestres  
e a mais íntima natureza do animal (um eu  
perplexo da sua existência ontológica)  
que irrompeu do acaso biológico do planeta?  
Que disjunção nos aponta para outro convénio?  
Que necessidade de paz deplora a natureza?

15/5/2010

## TENTATIVA

Um só objectivo, agora: esquecer a dor!  
Lançar o espúrio olhar pelo real do mundo,  
sentir a luz reverberando nas cores  
que incendiam a percepção desgovernada!

Ninguém está aqui porque aqui palpita  
um medo ontológico encerrado em carne,  
nenhum lugar é da obediência ou do delírio,  
mas à vontade corresponde o riso do acaso!

Sublime e abissal a pessoa que age no corpo  
da língua quer destruir o apogeu e o acme,  
ádvēna é o singulto da solidão emancipada,  
abstracção é o segredo da monstruosidade!

Como pois equacionar a vida no desterro?  
Ir ao começo é escusado, nenhuma origem  
subsiste ou diz a etimologia do exílio,  
e depois, que argumento ousará a catástrofe?

Oh, sim, esquecer se possível que há gente  
neste amálgama de sentidos e de nervos,  
fechar os olhos e respirar paulatinamente  
um outro tempo onde caiba ao tempo ser!

Nada mais há para ver! Tudo passou célere  
e impossível, longe e transcendente, alcance  
entre um nada e um tudo, o jogo contudo  
persiste, como uma batalha, como uma guerra!

Se não é beleza, e não o é, que subjaz  
incorruptível e abissal na odiosa palavra?  
O amor? A loucura? Uma chama? Só silêncio.  
Da natureza ilegível onde o destino clama!

15/5/86

## NA AFASIA DO TEMPO

E nenhuma música, por mais escolhida  
que seja, consegue trazer a alegria à consciência.  
Mesmo afastados da visão do fora  
não deixamos de pressentir um precipício  
na sensibilidade tantas vezes embotada, a luz  
afoga-nos sem qualquer afago, é uma cinza  
onde o silêncio da terra se instala  
como uma maldade, uma fatalidade fútil,  
um frio que não nos faz lembrar nada  
senão a premonição do que nunca será a morte.  
A morte não sente nem presente. É nada.  
Sim, o corpo decalca os passos consensuais  
de uma rotina quase histórica, sentar  
num sofá displicente e pegar num livro ausente  
não modifica a sensação de uma derrelicção  
traduzida por um abandono de nós mesmos  
na afasia do tempo inóspito. Ler.  
Mas a leitura, intrusão de um outro  
na inteligência magmática da percepção  
de uma comunidade, não se faz, as palavras  
espalham-se na placidez de uma afasia,  
não dizem nada, nada significam,  
permanecem elas próprias destituídas  
da língua a que deveriam pertencer. Ser  
não é só um mistério, é também uma incógnita.  
E o desejo de abandonar a casa desfeita  
coincide com o desejo de abandonar a manhã,  
este tempo desumano, incompreensível,  
vindo da indiferença total da natureza  
que comporta uma linguagem que lhe é,  
sem dúvida, muito própria, sem se importar,  
minimamente, com o destino da humanidade.  
A música, que sempre me articula  
numa benfazeja realidade de mim, paira  
toldada no ar, húmida como uma atmosfera.

15/5/2010



## SIO

Sentir coincide com a ustão incomensurável  
do eterno apelo, mas em que voz subsiste  
ainda o desejo de descobrir o segredo  
que preside à visitação das palavras?  
Fundamental à contingência das coisas  
é o encontro com a Lei ou a Harmonia,  
para que no Tempo caiba uma imagem fértil  
de deslumbramentos e de vislumbres ágeis!  
Vencer a morte é impossível, mas como agir  
no corpo e no espírito para que o mundo  
saiba conter a história de uma memória?  
Interessa verdadeiramente permanecer Verbo  
em livros do desgaste e da ambiguidade?  
Mais importante que a resposta filosófica  
é a atitude inconsciente de quem se escreve  
nas falésias do inabordável e do caos!  
Um impulso existe, algo fala, apreender  
esse momento, essa luz, esse mecanismo,  
é tão essencial como sobreviver à dor.  
Não se compreende hoje nenhuma poesia  
que não seja do ilimite como inauguração  
da apostasia que coincide com a alma!  
Mais do que talvez testemunho ou presença,  
o que fica selado no tempo da angústia  
representa um sorriso esfíngico e mortal,  
uma chaga contraditória do apogeu natural  
quando a epifania mussitou apenas um ai.  
Em círculos de águia a palavra enceta  
um rodopio ensilvado no sio semântico,  
a excitação é tanta que o sujeito pensa  
sentir o que sente a arbitrariedade verbal,  
um fogo e um lugar, uma essência transposta!  
Pode ser ilusão. Deve ser ilusão. Importa?  
Entretanto viveu-se uma alegria e um amor,  
indesculpáveis, como foras da lei exibindo

à eternidade o carinho pela metamorfose!

15/5/86

## VENTANIA

Por entre as nuvens baixas um clamor  
de luz branca faz-se, em momentos explícitos  
de uma hesitação atmosférica, sentir,  
há céu para lá desta penumbra tumefacta,  
há um azul, um sol, alguma esperança factual.  
Esperar. As águas da piscina lavada  
em algicida não são a transparência sóbria  
de um pensamento que se possa redimir,  
adivinha-se a acção do produto na deturbada  
espessura do líquido quase gelatinoso.  
As canas que funcionam como uma sebe  
barata e local revolteiam feridas de ventania,  
um caos telúrico, uma agitação convulsa,  
uma expectativa suspensa no desabar ruidoso  
de algum dos seus elementos. Pássaros,  
que usualmente conspurcam o pátio de dejectos,  
outros tantos insultos a uma sensibilidade  
que procura sobreviver na transmutação  
iniludível da contemporaneidade, nem vê-los.  
Mas a tentação é tanta, mesmo assim,  
de vir ver as primeiras rosas que irrompem  
em tonalidades indescritíveis, matizes  
que nos deixam absortos numa contemplação  
sensual, como se cada pétala pudesse ser  
uma carícia para os olhos, logo, para o corpo.  
Mas é o sol que as faz vibrar. Apagadas  
na incomensurabilidade de uma irresolução  
elas balançam, mesmo se protegidas  
do vento pela casa. Uma pena não conseguir  
tirar o máximo de emoção da sua presença,  
uma pena não ser capaz de transfigurar o real!

15/5/2010

## MITOLOGIA

Emasculado pela luz da tarde quem escreve  
inscreve no Tempo um desejo e um sexo,  
o corpo inacessível e inexcedível,  
a alma prefigurando a imagem vital!

Sente-se inocente como uma natureza  
por desbravar, ouve os cânticos da terra,  
olha um horizonte de festejos sensuais,  
pensa que algo lhe é peculiar!

Não sabe de onde vem a experiência,  
com que sentidos sente o mundo em redor,  
ignora se pelo verbo será possível  
encarnar a majestade intelectual do Nada.

Homem sem princípios no homem derradeiro  
enfita com salubridade intemporal  
o cosmos, e sorri do disparate brejeiro  
que lhe aflora à flor dos rubros lábios!

Apetece-lhe repetir os sons naturais.  
Grita um sibilo onde a ideia de pássaro  
nasce como uma fonte da comparação,  
nomeia pela vez primeira quem lhe é!

Diz: Eu! Depois, desfeito pela revelação,  
procura o corpo no seu centro celestial,  
descobre aflito que a miragem cabe  
perfeitamente no âmago da sua história!

Começa a ignorar quem lhe falta, a imagem  
vibra na superfície das águas estagnadas.  
Mais um passo, até que o horror lhe abra  
as portas da consciência estupefacta!

15/5/86

## TODA UMA OUTRA HISTÓRIA

A tarde, na casa da filha, abre-se num sol  
que não atenua o frio da nortada.  
Mas há, pelo menos, a presença irrequieta  
da neta, um vaivém paroxístico,  
uma energia com que se pode conviver  
mesmo se, uma hora depois, o cansaço arde  
na imensidão do corpo muito pouco  
ginasticado. A acção, nos últimos anos,  
resume-se a subir uma menos que colina  
em afazeres de agricultor amador,  
ver as árvores é toda uma arte ignorada  
dos contemporâneos, observar as mínimas  
mudanças um espanto emoldurado  
na sensação plena de uma alegria saudável.  
A neta é toda uma outra história.  
É fazer o que não se deseja fazer na idade  
de um descanso finalmente filosófico,  
é ter que corresponder ao chamamento  
que uma voz incoativa nos lança,  
tentações de acções a que não se pode  
ficar indiferente perante o encantamento  
do convite perpassado de urgência.  
Sofre-se tanto a indiferença como o amor.  
Mas ao menos há sol, o que se perde  
no azul mascavado do céu, o que se abre  
no riso de uns lábios felizmente  
ainda libertos da constatação do mundo.  
E o corpo, aturdido com o movimento  
em que sucumbe, às vezes, só  
às vezes, parece ganhar ou trazer ou dizer  
o que já foi uma realidade adnata,  
uma agilidade esquecida, um renascer  
que não deixa de ser ilusório. Vive-se  
de qualquer sol. Mas o sol não vive nada.

15/5/2010

## A IMPRESSÃO

A impressão de que lidas todas as teorias  
nenhuma nos basta, como se a vida evitasse  
cuidadosamente a harmonia ilusória do engano!  
Mas que necessidade subjaz a um encontro  
com uma, se impossível, desejada essência?  
Muda o que de acessório e de múltiplo  
pervaga no grande universo do absurdo?

A impressão monstruosa de que se vive  
num plano inimaginado da realidade fugidia,  
onde nenhuma lei coincide com os acontecimentos  
do quotidiano mitigado entre a dor e a alegria!

A impressão de que sabidas pela arte  
as vidas de quem foram ou ainda são, lhes falta  
qualquer coisa, não de essencial, mas de verídico,  
para que a lógica constitua uma disciplina humana  
no pensamento devoluto do homem ocidental!

E sobretudo, mais do que a impressão reveladora,  
o sentimento de que a vida não nos pertence,  
como se tivéssemos sido emprestados à terra,  
joguetes do absoluto e partículas do universo  
esvoaçando em configurações do eterno, páginas  
delirantes onde o choro e o riso desafiam  
a própria nomenclatura da origem apetecida!

Ah, sim, a indelével e incoercível impressão,  
viver-se sem vida no casulo do sofrimento,  
um espasmo e um orgasmo, um feto deplorando  
o futuro esqueleto no grunhido metafísico  
do espanto que acontece ao humano ser!

19/5/86

## PAPOILAS

Aqueles sete mil metros quadrados dão cabo de mim.  
A natureza não é coisa com que se brinque.  
Desperta da sonolência hiemal explode verde  
numa vegetação tão variada  
que não há olhos que possam abarcar  
tanta forma, tanta cor, tanta miscelânea.  
E as tarefas são intratáveis, conter o impulso, inútil.  
Deixar florir as ervas daninhas em sugestões  
de presença, mas a vesânia humana  
obriga-me a coarctar a irrupção desordenada,  
com instrumentos de uma jardinagem agrícola  
esfalso-me em afazeres ancestrais, o suor saindo da pele  
como se houvesse em mim um poço a transbordar.  
E de repente, as papoilas. Esses vermelhos  
sedosos ao tacto que procura não os despedaçar,  
essa maciez inultrapassável,  
uma alegria da natureza suscitando  
em mim uma alegria sem confins, o pensamento  
de que a vida é boa, de que a felicidade existe,  
mesmo em frente, balouçando graciosamente na dança  
que nenhuma coreografia seria capaz de imitar.  
Papoilas. Como poucas vezes as vejo  
no campo onde nada cultivo, excepto as árvores  
algumas vezes de fruta. Muita floração,  
poucos arremessos da seiva em disposições úvidas  
que possam vir a ser alperces, pêras, ameixas.  
O vento e a chuva explicará alguma coisa?  
Nunca, mas mesmo nunca, percebi a natureza.  
Nem a da terra nem a minha. Há palavras  
que parecem sobreviver sem um real conteúdo,  
palavras ditas e reditas tantas vezes que ganham  
na consciência dos povos uma realidade.  
Aqueles sete mil metros quadrados,  
que geralmente dão cabo de mim, às vezes  
surpreendem-me com uma beleza sobrenatural.

19/5/2010

## NOVA VERSÃO DA LOUCURA

Ver palpitar pela vertigem estas palavras  
que a máquina integra no branco do papel  
é a alegria substancial de quem ignora  
por que via ou em que caminho a poesia  
saberá induzir o leitor na transcendência  
do sofrimento como sublimado cântico.  
Pouco importa que a estética seja desaparecida,  
ou que a língua não suporte o arremesso  
do acaso no clímax da ocasião quase gorada,  
interessa apenas gozar o momento de apego,  
a meditação destituída à reflexão obrigatória  
numa delirante sintaxe do sempre o mesmo!  
Que o tempo dessignifica e o espaço altera,  
eis a lei, a miseranda metamorfose do caos,  
o espelho perdido e partido em cacos verbais  
para que o testemunho da imanência presida  
em cada sílaba e em cada ritmo da canção.  
Ah! olhar e ver essas linhas de força,  
os versos diversos da complacência coeva,  
a tragédia impossível de um Medo inessencial  
à composição estratégica do outro apelo!  
Porque se a finalidade da poesia é abrir  
o horizonte aos olhos desfeitos pela dor,  
nenhuma retórica se atreve a coincidir  
com a histórica correspondência que arfou  
em muitos peitos de poetas castigados  
pela nefasta insolvência do destino sevo.  
Mas há uma tradição argiva em cada conceito  
da actualidade que sussurra, mais do que cicia,  
a perene perdição do Verbo intransmissível!  
Oh!, não mais repetir a questionável pergunta:  
Que fazer? Antes fazer incidir com o caos  
o limite da ordem e da harmonia, num gesto  
tão selvagem e moderno que ao homem de hoje  
seja possível sentir de novo o que pensa,

e pensar para reganhar a felicidade perdida!

19/5/86

## POR ACASO

Demasiado calor para ser só calor,  
o corpo retrai-se num contentamento preguiçoso,  
haverá, por acaso, alguma coisa a fazer?  
Regar as plantas, as jovens árvores,  
cortar as silvas que abundam miraculosas  
nos lugares mais desprevenidos do campo vivo.  
Mas não a esta hora. Não agora, a temperatura solta  
num desvelo desconhecido, arfando no nada  
que se adivinha pela estase que concita  
na paragem, as canas e as árvores imóveis,  
o tempo petrificado numa alegre mortandade.  
Onde estão os pássaros? Só algumas andorinhas  
se atrevem, em voos envergonhados,  
a mergulhar nas águas da piscina estagnada,  
são embates de quilhas cobertas de penas,  
são pequenas sonoridades despertando o sono  
que se abate sobre a espreguiçadeira.  
Estar vivo para se pensar que se está vivo!  
Estar, num desprezo de qualquer sofrimento passado,  
pronto a reconhecer que uma beleza estranha  
se apodera do momento, este engano, esta calma,  
a ausência de qualquer sentimento,  
uma felicidade descarnada, possível  
pelo simples facto de estar a ser sentida  
numa superfície ou pele desprovida de humanidade.  
Quanto tempo durará este tempo?  
Comprovada a ambiguidade deixa-se  
o corpo viver uma eternidade ideológica  
e nostálgica, que mal virá ao mundo que não seja  
já mal ou periclitante maldade?  
Não haver resposta não é motivo de ansiedade.

19/5/2010



## IMPESSOALIDADE

A ardência intelectual do desejo  
é agora o mecanismo da permanência,  
viver recorda o olvido da ausência,  
perecer é quase a flor do beijo!

Pretende-se reconhecer o brilho  
da antiquíssima luz, mas a devoluta  
imanência preenche de ânimo a luta  
por uma língua que se saiba trilho!

Percorrer e calcorrear a vastidão  
de plainos desertos, eis a tarefa ágil,  
pôr a semente do sonho no ventre frágil  
e recolher o homem da sua solidão!

Falta um delírio e uma nomenclatura,  
nenhum sábio vive da música suave  
que enche o peito como quando a ave  
se eleva e depois cai no sio da loucura!

Nenhuma instituição acende a alma,  
nenhuma palavra será hoje um porto  
se o homem que medita só e absorto  
não souber onde vislumbrar a calma!

Impoluto o desejo, que olhar amador  
será capaz de sentir o único prazer?  
Tanta a miséria e o sofrimento, ler  
transforma a objectividade em dor!

Como chegar ao auge da humanidade?  
Perde-se a idade em guerras do medo,  
um ódio exige sempre o máximo degrado,  
inexistir no fluxo da impessoalidade!

19/5/86

## EYES WIDE SHUT

De dentro de casa sai um piano obsessivo,  
uma peça de Ligeti popularizada pelo cinema  
como Eyes Wide Shut, e todo o ar volátil  
que ondeia à volta parece ser sacudido ou fendido  
pelo estigma de umas teclas desenvoltas.  
Eu que nada sinto, apagado pela dureza da vida,  
sinto no meu corpo o corte preciso do som  
ferir em incisões terebrantes a espessura espiritual  
de uma aventura histórica e existencial,  
um léxico perdido numa sintaxe irreconhecível,  
uma sintagmidade que não faz sentido.  
Mas ouço repetidamente, obsidiado pelo som,  
a fundura de uma experiência de vida,  
a tragédia que foi ter nascido para mais cedo  
ou mais tarde morrer. Há fascínios fáceis  
em alguma música que se ouve, há histórias  
que nunca poderão ser contadas, contados os dias  
nada mais ficou que a escória de uma réstia  
de restos desprovidos de realidade linguística.  
O sofrimento foi uma realidade. É uma realidade  
onde muitas vezes não se bispa o real.  
Não há nada a fazer. A vida vadia voga ferina  
na membrana fictícia de uma sensibilidade,  
de que vale dizer corpo, dizer carne, dizer alma?  
Tudo está a mais. Tudo é demasiado. Houve  
em quem ouve esta música olhos bem abertos,  
momentos de uma aflição inexcedível,  
desesperos que sulcaram a loucura intratável.  
Que resta do que nunca atingiu a segurança  
e a felicidade de uma memória capaz  
de ser verbalizada? Talhado a cortes, outras  
tantas cartas de nenhum destino realizável,  
a quem se destina esta estúpida emoção?  
A mim? A mim como, se há muito não estou  
em mim? Se há muito me despedi de quem sou?!

19/5/2010

## ALEGRIA

Oh!, a alegria tanta de ser vivo,  
e de dizê-lo entre a angústia da dor  
e a cacofonia da apaixonada língua!

Não há nenhum eco do encanto terrestre,  
se há amor é porque das veias feéricas  
irrompe o tumulto de um antigo grito!

Viver, viver! Tantos anos deposto  
diante do físico sofrimento, o corpo  
uma chaga de traumatismos metafísicos!

Como mudar a vida? Em que sorriso  
saberei pactuar com a longínqua criança  
que se perdeu na memória do tempo?

Estou vivo! Um carinho inaudito  
encharca minha consciência disponível,  
ver é usufruir de todos os frutos!

O céu dá lugar ao horizonte livresco  
da história da literatura, apagar  
o tempo é a única tarefa gigantesca!

Não há nenhuma tradição que valha!  
Nenhuma morte merece do homem o zelo  
do testemunho ou o medo da carne!

Viver, viver! Só e poluto, enraivecido  
de amor e de tristeza, sentindo por dentro  
o fora de um sol que não comunica!

Só o Verbo preside ao instante!  
Irreal e soberano o riso abre-se pleno:  
tanto amor no âmago da insolvência!

21/5/86

## A NOITE É UMA REPETIÇÃO

A noite olvida qualquer coisa de si,  
é uma escuridão cintilando aqui e ali  
em contornos de nada, luzes, lampiões,  
esferas lampejantes denunciando a presença  
de qualquer coisa como uma civilização.  
A noite cala-se em indesmentíveis silêncios,  
silencia o desejo que culmina no desejo  
de mais um dia, lambe cada fachada  
de cada edifício fechado com o horror,  
hoje impossível, de uma superstição.  
A noite não consegue comunicar a voz  
capaz de um diálogo com uma qualquer  
pessoa, passa apagada em si mesma  
sem uma verdadeira visão do futuro.  
É pois um furo no apogeu sedentário  
de um pensamento solitário, não chega  
a ser uma emoção movida por interesses  
ontológicos, sociais ou mesmo divinos.  
A noite é uma repetição. Não só retórica,  
como acontece neste porisma desbravado,  
mas também na sucessão inexcedível  
e inacessível do tempo. É um facto,  
uma constatação. Sem causa, um efeito  
de nada no eleito mericismo do mesmo.  
E no entanto. O desejo é de continuar,  
dizendo, «e no entanto», como se fosse  
possível à língua salvar a noite da negra  
imprecisão em que sempre se encontra.  
Se houvesse imaginação, uma vontade,  
poder-se-ia inventar um simbolismo  
qualquer que colaborasse com a tradição  
poética do ocidente, mas os tempos coevos  
são de crise, até da imaginação prática  
prefigurando uma consolação redentora.  
A noite perdeu qualquer coisa de si.

21/5/2010

## ESPARSAS PEÇAS

Identidade é uma guerra entre a harmonia  
almejada e o disforme como figuração terrível  
trazendo em si a liberdade do movimento  
da alma.

Sinto que sentir é uma ilusão!  
Desfeitos os grandes sistemas da mente,  
que sentimento será capaz de não sucumbir  
ao puro desejo de destruição?

Porque um ódio insubstituível governa  
os nervos do corpo doente, a crise metafórica  
transforma-se na evidência dos sinais,  
e sangue é o que sobressai no amálgama.

Houve possivelmente um tempo de paz!  
Uma grande serenidade decerto povoou  
o mundo em longínquas paragens da memória,  
haveria já um homem no começo?

Nenhum espelho por mais que me reflecta  
reflecte da estadia ou do destino,  
algo passa ao lado do corpo próprio,  
um arrepio subindo e assumindo a transcendência!

Eis os enganos, as formas destroçadas  
do pensamento arquétipo, as falhas felizes  
jazendo incorruptíveis, mas feéricas,  
na contradição do tempo.

Amostras do eterno, em que lugar?  
Um poema não é mais que o lodo essencial,  
um borrão cego diluindo o sentido  
da perspectiva que se define como distância!

22/5/86

## TER OU NÃO TER

Não, não mais deixar os dias adversos subsumirem uma inteligência pragmática ou programática, não mais contar com as variações do tempo sentido atmosférico, antes compreender, mesmo se confusamente, a solidão de um desejo de comunicação, mesmo quando não há ninguém para ouvir o que há para ser dito, sentido, vivido. A vida não é uma estranheza. Um mal. O mal é a indiferença que o capital instalou nas consciências dos escravos, esses homens, essas mulheres, vazios humanos fazendo do desejo um consumo, uma aquisição capaz de os conter vivos por mais alguns meses, algumas semanas, alguns dias, algumas horas, alguns minutos, alguns segundos de uma libertação vazia de mundo, de perspectivas, de futuro. Ter ou não ter, eis a servidão coetânea. Há uma máquina manipulada sabe-se lá por quem (e todos sabem por quem, mas a coragem falha, não é suficiente para apontá-los com dedos eversores), há uma maneira de estar que não eclode de uma maneira de ser, há seres ditos humanos que há muito esqueceram a voz da humanidade, da espécie. Há uma cegueira procurando ver apenas o interesse imediato, possuir o que o trabalho pode comprar, reter do corpo as fezes, conter a natureza de uma agressividade que se manifesta onde menos se manifesta a consciência do que se faz, do que se perde, nos dias.

22/5/2010

## HAVERÁ UM HOMEM?...

Mais do que traduzir ou transpor  
a alegria espontânea do viver incerto,  
inserir no Verbo a vocação para o infinito,  
um sorriso de desdém aberto em catástrofe!  
Escreve um homem a emoção que inventa,  
onde o lar do sentimento escrupuloso?  
Se sentir houver, onde edificá-lo ou protegê-lo?  
Cegueira é a linguagem moderna, cabe ao poeta  
desmerecer o génio para conseguir no ápice  
descobrir um caminho ou a chave do eterno.  
Porque é no tempo indizível e inefável  
que nada se passa mas tudo advém!

Falar da natureza não serve de consolo!  
Um arrebol pode coincidir com um estado de alma,  
mas quem ousará dizer que o doloroso fora  
vive das entranhas onde nasce a sensação?  
A distância navega e separa, o Alcance  
é uma necessidade filosófica de equilíbrio,  
mas quem conhece verdadeiramente a língua  
para sentir no fogo a purificação e o sonho?

Criaturas indesejáveis desejamos o desejo,  
já não o prazer ou a realização anagogista.  
Perdidos no deserto da contemplação nula  
ouvimos ruídos do mundo semelhantes,  
ignoramos contudo de onde a onde houve começo!  
Não nos basta o fluir das coisas e do Ser,  
em papéis miseráveis escrevemos a história  
do sulfuroso medo, o ódio à consubstanciação!  
Onde acaba o viver? No cadáver impoluto?  
Que vida nos redime, se só o sol abrasa?!  
Há respostas sem perguntas, supérstites  
devolutos de outras civilizações inóspitas.  
Haverá um homem no nosso contemporâneo canto?

22/5/86

## MEMORY OF THE PRESENT

This is not a contemporary consolation nor an extraordinary discovery of the mind, a thinking thinking of itself as a blessing. It came to me like a transient reality what can be said as being the possible history. History has nothing to do with historicity, with studies delivered by the best experts of our time paid to prove the innocence of ideologies contriving a fake disguise. History, in its simple and concrete facts, because made by people as individuals, is but memory. Memory of the present. What remains, after all, after the living experience of life and death, is memory – not the memory of excruciating scenes or exalted moments in society's occasions, but memory in something close to a form that can survive the linguistic and political deformation of the present being past. This expressivist process has a name: Poretic language. We know our humanity less from any positive content or vision than from the properties of lack and limit that we gradually see developing, forming in our readings of the world. But readings are writings. Men and women need not confine themselves to writing shyly about something. They can make that writing the thing itself, the force that demonstrates the reality of what it discusses: History. Then one can render quite literally a true story in which we come to show the world in what we make as we engage diversity, complexity, contrariety and randomness.

22/5/2010



## NADA NADA

Também eu desejei uma outra língua,  
um outro mundo, um outro universo!...  
Compreendo hoje que o meu desejo  
não passava de estupidez adolescente.  
Bastava-me ter desejado ser um homem,  
não uma figura diluída na sociedade,  
nem uma imagem dada pelo pensamento  
do que se denomina o tempo moderno.  
Ser virgem e concreto como a pedra,  
isolado no sentimento dos sentidos,  
a emoção vociferando uma conduta,  
a inteligência medindo as distâncias.  
Ignoro quem fui e quem tenho sido,  
por vezes a sensação de que nada fui  
ou me viveu, como se revertisse ao nada  
nada o papel fundamental da estadia.

Não sei se a língua me habita. Moro  
possivelmente onde vivo, mas o jogo  
da inteligência deixou de me atrair.  
Cresci sem dúvida para dentro, a dúvida  
um dos traços característicos da lei  
que desgoverna a impressão que se tem  
do único como de todas as coisas...  
Lúrido e vago dessinto e desposso,  
a algidez translúcida ganhando meu Ser,  
a imprecisão do borrão um dado novo  
na percepção que se adquire do homem.  
Se o não sou, que monstro me respira?  
Que máscara me dói e dilui em cinzas?

22/5/86

## OUTRORA

Passear pela terra onde se nasceu,  
não se ser capaz de renascer  
perante o que se vê, a idade não culmina só  
nas pessoas, as povoações mudam em arremessos  
de tempo, modificações estruturais  
na geografia, contrastes entre o velho  
e o novo, tudo na mesma, tudo diferente.  
Memórias extemporâneas de tempos extemporâneos,  
ter-se vivido numa realidade truncada  
ou modificada não é uma consolação para a alma,  
diriam os nostálgicos da contemporaneidade.  
Um corpo não faz sentido. Uma vila  
passada a cidade não faz sentido. As pessoas  
passam nos seus inescapáveis afazeres,  
que andam a fazer? Entram e saem de edifícios,  
percorrem ruas tolhidas pelo ruído dos automóveis,  
perto da casa onde se nasceu o rio poluído  
corre para a sua foz como se fosse um dever  
a naturalidade de todas as coisas.  
Ter envelhecido não é uma vitória.  
Regressar-se, como se regressa algumas vezes  
por ano, para conviver com a originária família,  
é um acontecimento percluido em percursos  
um pouco anistóricos, algo misteriosos.  
Passear pelas ruas de outrora, e esse outrora  
nem constitui uma lembrança  
nem uma verdadeira memória. Falas  
vindas dos mais remotos cantos do corpo  
misturam-se a acções cuja veracidade é muitas  
vezes duvidosa. Aconteceu, aqui,  
o que aconteceu? E que aqui é este  
se são tantas as mudanças e as formas  
da transformação urbana? Outrora, passar  
por estas ruas não era passear, era viver.  
Viver experiências desprovidas de história.

22/5/2010

## OS PASSOS DA LUZ

Se pela concentração se subisse à voz,  
e aí se pudesse edificar um nirvana,  
uma harmonia diferente do conceito!  
Mas a disposição do corpo evita o olhar  
para dentro e para o fundo, só o silêncio  
se assemelha ao simulacro dum pensamento,  
só a brancura do vazio reflecte o mundo!  
Ignoro quem tenho sido, a imagem do homem  
perde-se no sofrimento dos sentidos,  
viver é como uma alegoria do falhanço,  
e permanecer aqui entre o poema e o caos  
não melhora a situação de quem se quer Ser!  
De que fala a língua do desgoverno?  
Que mundo reaparece das cinzas, que fogueira  
abrevia a ideia que se faz e se tem do cosmos?!  
A resposta tarda, o tempo é contínuo nada,  
passa-se por horizontes da pessoa inumana  
sem se descobrir uma lei ou mesmo um hino!  
Fulgem vultos e vagos cataclismos explodem  
na consciência dorida, repetir certos sons  
vale por toda uma filosofia que se esquece,  
resta o mecanismo e as rodagens anímicas  
para nos fazer lembrar que nada é fácil!  
Não surge a voz nem a distância se alonga,  
se há mistério é mister que se alcance  
um estado próximo do sono ou da morte,  
o calor liquefazendo-se em estrito suor!  
A parede traduz uma beleza onde a necessidade  
deixa de ser poética e essencial, o olhar  
fecunda o frio do traumatismo ontológico,  
respirar é saber por dentro o que se ignora!  
Nada mais há, tudo recebe da realidade  
a confirmação do seu delírio e da sua forma,  
cabe ao momento encontrar uma fórmula  
capaz de corroborar o desmedido brilho!

28/5/86

## UMA ALEGORIA

Quanta e quanta música não passou por mim,  
quantos sons de instrumentos inimagináveis  
não souberam vibrar em emoções de uma alegoria  
só possível porque se procura compreender o fenómeno  
da poreticidade existencial e animal e social,  
quantas vozes, de homens e de mulheres,  
não me disseram que dizer o que quer que seja  
é sempre uma aventura, um dado nunca adquirido,  
uma aquisição onde a riqueza humana  
coincide tantas vezes com a mais deplorável miséria!  
Ouço este jovem grupo e confundo-me na confusão  
de línguas fulminantes, felizes eclosões  
de profusões e fusões, faíscas de centelhas  
iludindo o corpo com a quase materialidade  
do que poderia ser o que foi outrora a alma!  
Não haver uma alma! Hoje. Agora. Só há o que há,  
esta música modificando-me no dia modificado,  
uma brejeirice do acaso na sua ocasião contingente,  
sentir como sinto que a sensibilidade não alcança  
um sentimento capaz de reduzir a hora a uma eternidade  
como foi concebida pelas tradições ocidentais.  
O que se perdeu não pode ser achado.  
Também não pode ser, infelizmente, um achado.  
Sigo paulatino de mim mesmo as canções  
que surgem aos ouvidos despertos, estivesse eu  
sempre desperto para sugar o mundo no que instiga  
e instila de beleza, ideia por fazer de um futuro  
que não sabe como eclodir neste anonimato.  
Quanta música não me moldou em sucessivos  
espasmos da inteligência despossuída,  
ouvir no ser do que é o ser do que não é,  
essa inexistência chamando como chama ardendo  
na inclemência da realidade vivida, esse nada  
edificando possibilidades que não atraem ninguém,  
perdidos que estamos na precipitação do tempo!

28/5/2010

## BALANÇO

Não haver um país ou uma sociedade  
de que possa falar como se fora meu ou minha,  
estar no mundo cada vez mais estrangeiro,  
incapaz de sentir uma origem ou prever um fim!

Tudo me indifere, excepto a carne que me arvora!  
Nenhuma inteligência me arranca ao sonho  
sem outrora nem futuro, o momento vive-se  
entre o desânimo e o borrão ideológico!

Leio notícias de um jornal fictício,  
ouço noticiários televisivos do pequeno mundo,  
catástrofes e crimes são o acontecimento do dia,  
mas ao dia eu exijo um êxtase e uma realização!

Não há de onde vim ou para onde vou,  
do nada ao nada faço-me um penoso caminho,  
os olhos desmedidos de espanto aberto,  
o corpo percorrendo as sendas do desgaste!

Onde escorar minha visão depauperada?  
Em que luz ou âmago ou fundo dentro saberei  
respirar um homem emancipado e construtivo?  
Que alimento me transformará numa essência?

Não há uma teoria ou mundovisão capaz de paz,  
tudo foi ilusão nos passos da história,  
os livros que se escreveram para atraiçoar,  
as ideias que se julgaram ideais sentimentos!

Nenhuma certeza crepita ao peito condenado!  
Ao hodierno saber corresponde a angústia ignota,  
viver sem paralelo nem limite no turbilhão  
de tudo como se fora fora o segredo secreto!

29/5/86

## A PERDA, A PERDIÇÃO

E estamos nas manhãs, nas tardes e nas noites  
que a vida nos tem para oferecer,  
estamos instantes de uma descomunal abstracção,  
o tempo, a fuga em frente, o passado passando,  
o presente nem oferecido nem achado,  
nem perdido nem ganho, estamos estafados  
de configurações ideológicas, carnes e corpos  
para inexistentes canhões, e no entanto,  
no entanto sabe-se confusamente, difusamente,  
que algo se desvanece, esvaece, algo como uma dor,  
algo como uma memória antiquíssima e argiva,  
«algos», o termo, o fim autotélico, a perdição.  
Não haver em quem se é alguém,  
não haver haver em haver, uma realidade  
capaz de se transmitir em acções e práticas  
que nos catapultassem para uma dimensão tal  
que o incomensurável seria só e apenas um adjectivo.  
Não haver homens e mulheres, é o pensamento,  
nos homens e nas mulheres. De hoje. Possivelmente,  
de sempre! O desejo que consome as turvas  
turbamultas consuma-se na aquisição de bens,  
ter para se fingir que se está a viver, para fingir  
que ser é mais do que o que é, uma fantasia fanática  
fustigando o tédio de velocidades desmedidas.  
De que vale o sol estar no céu? De que vale o céu  
não ter limites? Limitados pela humanidade  
biológica que nos cinge a uma humanidade  
desperdiçada em guerras e rivalidades  
não ousamos sequer não ser sol nem céu,  
evadimo-nos em prisões que só não nos asfixiam  
porque aparecem como paraísos terrestres.  
As manhãs onde estamos, as tardes onde estamos,  
as noites onde estamos! Que vida poderia oferecer  
vida a quem não se sabe vida, vívida ou vivida?  
A perda não precisa da morte para ser.

29/5/2010

## APORISMOS

Em momentos assim uma estranhíssima lucidez  
sucede como se nada também fosse uma existência,  
o mundo reaparece na sensualidade do real,  
ao mito cabe o esplendor da mentira humana!

Envolto na substância dos dias irrealizáveis  
finjo que vivo uma tarefa inessencial,  
saio de casa com o coração feito metáfora,  
na rua perco-me em conjecturas do indesejável!

Não se trata verdadeiramente do medo metafísico,  
nem do esquecimento quando coincide drástico  
com o doloroso apagamento da memória tumefacta,  
quando se sofre um Nada tudo parece ameaçador!

A língua própria falha no declive da história,  
ficam os percalços, uma aventura inexpressiva,  
um ctónico desejo impossível de humano mundo,  
a cinza estiolante do reverso da medalha!

Mas a inteligência sopra faúlhas nocentes,  
imagens de um silêncio sibilino queimam a arte  
onde se imaginou poder pensar e sentir uma emoção,  
no vazio do remoinho a sensibilidade soçobra!

Da transparência do real lê-se a ignorância!  
Olhar e ver, para depois se traduzir em palavras  
o sentido infinito do delírio que arde fogo  
da espantosa mediocridade do repto humano!

Não haver um além de vozes ou de luz quente,  
ficar-se sempre aquém do pressentido algo,  
crianças de nós mesmos lutando pelo brinquedo  
que ninguém inventou nem ousou almejar!

29/5/86

## ÀS VEZES

Às vezes temos a sensação que cada momento é um súbito início contrariando o peso da idade, às vezes sentimos um nascimento acedendo à consciência, um longo vagido envaginado, uma luminescente clareira onde se abeira o oposto do mistério, a realidade impedida de um real que acontece indiferente à presença que possamos possuir em espaços de uma sensibilidade lúcida ou mesmo clarividente. Às vezes as vezes em que sentimos mais que o mundo confundem-se com a exuberância da terra, um olhar que aterra, um vento vindo de insofismáveis mecanismos originados na ignorância de um saber. Às vezes nenhum sopro nos poderá redimir. A vida não nos convida nem ao passado nem ao futuro, ávida de si mesma vagueia em tumultos de vozes pelas concomitâncias da língua, uma estranheza insustentável, veloz como um pensamento incapaz de raciocínio. Às vezes suspeitamos que há uma eternidade. Algures. Não em frente nem atrás, mas onde a luz se desfaz em profecias estúpidas e indevidas. Às vezes há uma indesmentível paz. Tudo passa independente da ideia que se faz do tudo e do nada, uma rima obsessiva, um tempo indefinido e indefinível, passagem em que não há ser nem estar sendo, em que só há apenas um alcance, uma distância, um fundo onde ninguém ousaria viver o que quer que fosse. Às vezes a felicidade nada mais é que o puro horror sem substância nem história, às vezes a alegria é tanta que apetece morrer onde mais se palpita de desejo, às vezes não se compreende a emoção do que acontece.

29/5/2010



## MAIS UMA ACHEGA INÚTIL

Há-de haver uma outra emoção para o êxtase,  
agora nenhum sentimento experimentado abona  
na proclamada riqueza do homem histórico,  
ausência é quanto se sente na memória!  
Viver com a impressão de que algo coexiste  
sem possível diálogo ou mesmo imanência,  
como se ao corpo faltasse a nodosa sombra,  
como se ao desejo não correspondesse o prazer!  
Um passo em frente é a metáfora, como sê-lo  
ou processá-lo, como atingir a fímbria feliz  
do inalcançável por castigo ou por prisão?  
Se a matéria das coisas fala e mussita um canto,  
quem será capaz de ouvir o indizível, o inefável  
de outro esquema ou mundo ou metamorfose?  
Nenhum poeta terá a coragem de mentir a luz,  
de prever um clima capaz de sustentar e suste  
o enigma da imponderável voz quando clama  
pela comunhão com o melhor da alma humana!  
Podem escrever-se milhares de versos geniais,  
nenhum dirá do Nada o que não se sente,  
todos mencionarão a estratégia do poder,  
a maneira mais ou menos hábil de se fingir  
um eterno no seio decapitado da linguagem!  
Não me interessa levar na cabeça viticomada  
a glória cedida pela sociedade dos homens,  
meu fito desilude a noção da moderna arte,  
meu espanto não se resolve com poemas premiados!  
Quis deixar de ser para perceber o mecanismo  
ou a essência de todas as coisas sonhadas,  
despi o real da sua nomenclatura festiva  
para poder assistir ao arroubo da quididade!  
Como águia solta no vendaval dos céus ocultos  
profetizo um círculo de obsessão angustiante,  
profiro hinos incandescentes e obscenidades  
na tentativa de atrair o esplendor do Nada!  
Sem resposta nem poder de perene realização  
insisto e canso-me, cada dia um chamamento,

todos os dias o silêncio do que se sente vivo!

29/5/86

## FINS DE SEMANA

Fins de semana sem fim no seio da família, as casas divagando em presenças escatológicas, espaços onde os corpos ondeiam na opacidade dos eventos, um riso de uma filha, um grito de uma neta, uma gargalhada de uma mulher, um sorriso de uma sogra. Passa-se de espaço em espaço como se a consciência duvidosa não tivesse remorsos, um automóvel vai e vem, as ruas transformam-se em estradas, a vida deixa de ser uma questão metafísica para advir apenas o que vai acontecendo de incidentes e de peripécias incapazes de qualquer memória. Fins de semana são intraduzíveis eclipses do tempo. O corpo desdobra-se em gestuais movimentos, toca outros corpos, a família sem dúvida auxilia quem se perde no mutismo de uma língua que não desvenda o mistério que poderia haver se haver não fosse um mito. O mito mata. Nenhuma meta consegue prever o futuro, nenhuma memória reacende o passado. Mas o presente apresenta-se no convívio afável de quem nos merece e nos favorece, a voz repercute-se em outras vozes, transformada embora pelas individualidades de cada um. Até que chega o cansaço. Um silêncio fundo abisma-se no desejo de solidão, a quietude exige a crueldade de uma separação provisória, que fazer do amor quando o corpo nos é mais íntimo que a intimidade preconcebida dos laços familiares? Fins de semana. O fim demora como se não houvesse um fim na hora.

29/5/2010

## O VELHO PROBLEMA

Depois de tantos anos preso ao Verbo,  
eis que me surpreendo por ter perdido  
assim tempos de vida incalculável,  
sem saber ao certo se valeu a pena!  
Mitologias e estados de alma percorreram  
milhares de versos, a cadeia impossível,  
o ritmo ora doloroso ora aguerrido,  
a emoção muitas vezes embargada e falha!  
Que disse? Que criei? Que absorvi?  
Minha vida permanecerá anistórica  
nessas migalhas do finito transcendente?  
Minha eternidade saberá resistir ao bolor  
dos fenómenos que fazem os acontecimentos?  
Consciente de que é impossível o Livro,  
lidos os antigos e suas aventuras,  
procurei incendiar o branco do papel  
com chamas inesquecíveis do desgaste,  
devolver ao real a magnitude da visão  
que se desprendia da experiência em mim  
humana, datada, perfeitamente histórica!  
Uma batalha terrível com o tempo eleito,  
os dias sucessões de percalços e de luz,  
cada voz um enigma e cada poema escrito  
uma leitura cega feita no frontão ignaro!  
Nada ganhei, nem sequer a tola sabedoria!  
Envelheci nas palavras como uma criança  
que não soube brincar dentro da lei,  
as regras inóspitas ou mal decoradas,  
o jogo uma verdade na ficção odiosa  
da presença que se pensa transmissível!  
Não poderei dizer como certos felizes  
poetas de outrora: Ah, a poesia, a salvadora!  
Nem tão-pouco que dela sou escravo!  
Há uma relação que ora nos une como desune,  
uma nostalgia pela idade de ouro infantil,  
uma raiva tempestiva de quem sofre a hora

sem conhecer a dimensão incógnita da luta!

2/6/86

## ESTAMOS SÓS

Chegados no dia anterior,  
depois de dois dias de viagem,  
chegamos à janela do quarto recente  
estupefactos com o verde da vegetação  
que se estende numa paisagem  
onde o sol inunda de luz a porção  
de terra que se escolheu para as férias.  
A casa é do casal amigo.  
A terra chama-se La Bussière,  
a alguns quilómetros de Chauvigny.  
A rua do lugarejo, L'Essart.  
Eis a França profunda.  
Eis o profundo encanto  
de ser e de sentir a novidade  
de uma estadia que ainda não foi  
corrompida pelo hábito ou pela rotina.  
Estamos sós. O mundo como o conhecemos  
ainda não se estabeleceu em redor.  
Só a terra se estende imune  
a qualquer cumplicidade humana.  
Não há vento. As árvores do recinto  
que pertence à casa demoram estáticas  
numa verticalidade insuspeita,  
a beleza não é uma invenção.  
As casas, assim vividas,  
não são mitos securizantes.  
A janela concede uma vista bela  
capaz de nos concitar a vontade  
de sermos peremptoriamente humanos.  
A guerra é uma inexistência.  
Os conflitos, perversões da história.

2/6/2010

## SENTIR

Sentir que seja qualquer coisa  
fora do laço célere da poesia gasta,  
uma emoção humilde como o carinho,  
um ódio destituído da histórica miragem!

Sentir uma vez primeira a profusão  
da vida sem ideias abstractas, no corpo  
da língua como na linguagem carnal  
onde se escreve um Ser e sua inscrição!

Sentir o mundo inadjectivado e total,  
a terra e as gentes, a luz e a penumbra,  
o sol doloroso da experiência humana,  
a escuridão da noite insubstituível!

Mas sentir dentro de quem se é a alma,  
a energia como a força do movimento,  
o poder e a saúde de todas as coisas,  
a genialidade do pensamento indelével!

Sentir a página telúrica onde o verbo  
repete um mágico e possesso começo,  
longe o crepúsculo e o salso fenecer,  
vermelhão de nada no azul celeste!

Sentir o crepitar palpitante do fogo,  
o sangue enchendo a vacância da forma,  
um tesão resultado da tensão terrível  
que ganha a inteligência do conteúdo!

Sentir maiúsculo e humano a ausência  
de quem é e não ocupa tempo nem espaço,  
uma Voz sedutora e uma Visão ablutora,  
a epifania do real no tumulto dos olhos!

2/6/86

## AS ÁRVORES

Desce-se ao rés-do-chão na maravilha  
de uma intrusão inocente,  
abre-se a porta da cozinha oposta  
à porta de entrada e sai-se para o cimento  
que antecede o verde de um solo  
coberto de uma relva tão verde que a cor  
parece mais pertencer a um quadro.  
O sol matinal. As árvores. O sossego.  
A impressão de que só assim se deveria  
viver a terra onde, infelizmente,  
se pena em eclosões de falhos equívocos.  
A casa já foi, há muito, um estábulo.  
Ou uma outra qualquer função  
da vida rural em país da abundância.  
Os campos ondulam em agriculturas  
sedentas de recolta. As árvores,  
bem perto, apertam num abraço úvido  
o olhar que procura desvendá-las.  
Um carvalho, uma tília, uma cerejeira,  
algumas macieiras envolvidas  
em arbustos cujo nome é mistério  
ou ignorância. Uma ténue brisa dança  
incalculável e benfazeja,  
sentir. Sentir o ar, o cheiro, o odor  
das rosas em incipientes roseiras  
que convidam os viajantes  
desavindos a entrar na moradia.  
Pios de pássaros. E as casas da frente,  
a rua sem saída, as casas em ruínas  
habitadas pelas trepadeiras que ascendem  
à desmedida de uma aventura.  
O sol acaricia sem saber o que é  
dardejar. As sombras dos ramos vão  
e vêm ao compasso de uma música  
só ouvida por quem ousa testemunhar.

2/6/2010

## NOVA FACETA DO TRANSCENDENTE

Incapaz de história ou de festejos artísticos  
ousou apenas pensar que minha luta é um hábito  
sentido como transcendência da contingência!  
Transformar o sofrimento cruel em sábia forma  
exige de mim um trabalho insustentável, a ideia  
perdendo o seu brilho e a sensibilidade pouca  
colmatando o ridículo de um pensamento árido!  
Mas não desisto! Não porque seja heróico homem,  
mas porque o medo me faz escrever um adiante  
que possivelmente me ignora como inexistência  
da necessidade onde procuro descobrir a alma!  
Por atalhos do inconsciente e da luz meritória  
vou devolvendo ao sigilo a pergunta terrestre,  
uma metáfora criando um espaço da fertilidade,  
um entorse à gramática clivando a riqueza ávida!  
Solitário e muitas vezes dorido sei o deserto,  
calco o lodo da mentalidade contemporânea preso  
por um fio à palavra do universo que me suporta,  
o silêncio derivando da teoria como do verso,  
a porta um esgar na nomenclatura da temeridade!  
Ajo simultâneo à espontaneidade, a cabeça parca,  
o olhar percuciente, a fala uma gorjeta eterna!  
Ouço o Nada no auge da revelação fulgente,  
simulo o revérbero da imaculada transcendência,  
procuro estar à altura da matéria inaugural  
onde um simulacro de vida deseja a eclosão!  
Sinto-me investido e despossuído, sem tempo  
para divulgar o concreto da natureza feérica,  
no âmago do falhanço que produz a genialidade!  
Meu intento salda-se pelo possível da aparência,  
um discurso sem curso nem temperança sóbria,  
um degelo onde a imagem do fogo apaga a dor  
que se teme sofrer em contacto com a idade!  
Ambiguidade é a chave sem saída nem regresso,  
mas há algum calor no novelo deste dédalo,

a presença natural da monstruosidade essencial!

2/6/86

## ACHAR É UM ACASO

Gozar a casa. Ir ao quarto de banho e banharmo-nos em duches onde a água refulge na dimensão impressionante do clarão que o sol nascido a oriente instaura. Não são necessárias as toalhas. Ou quase. O calor devolve as gotículas que escorrem do corpo a uma evaporação tentacular. A luz é quase excruciante de tanto nos envolver em apoplexias brancas de bem-estar. Os corpos exultam, evoluem na dimensão precisa da sala, conversam em falas coniventes felizes mecanismos da convivência humana, sobre isto e sobre aquilo, sobre nada. Nus, indiferentes a qualquer comparação estética ou mesmo cultural. As abluções terminadas, expostas ao sol as toalhas molhadas, chega o momento da refeição. O pequeno almoço realmente pequeno. Mas a cozinha atinente à sala de jantar, se o espaço não for o mesmo, e é-o, distende-se em harmonias de formas, a mulher perpassa na graça feminina de uma ocupação, o silêncio comove na incitação envolvente da luz oblíqua. O que se perde numa vida! Aventuras de lugares desconhecidos, sensações que só podem ser sentidas percorridos quilómetros e quilómetros de inquirição. A procura não deveria ser, para ser, uma preocupação. Achar é um acaso.

2/6/2010



## DO LIMITE

Ágil e simultâneo ao equilíbrio da forma  
sem pensamento medito uma possibilidade  
de vida, o olhar translúcido como um poente,  
o corpo traduzindo uma língua dessacralizada!  
Há níveis que se sobrepõem na leitura nua  
que se mantém com o universo dos signos,  
soletrar o silêncio é trazer à poesia  
um halo incapaz de luz mas essencial ao nó  
do sentido construído com migalhas carnavais.  
Porque nem só o som significa um sacrifício  
ou uma aurora vingadora do sofrimento,  
na confusão do delírio sobressai por vezes  
a chama que enlouquece a página sedutora!  
E se ir fundo e longe interrompe o mundo  
na sua concretização de terra e sociedade,  
nesse lapso como nesse interregno o desterro  
surge mais límpido e ao deserto se pode  
chamar a miragem da casa ou o fogo do lar!  
Da fricção se frui um iniludível prazer,  
mas é na suspensão, do gesto como do alor,  
que se recebe ou se colhe a imagem febril  
da aparição definitivamente viva e humana!  
Passar para o lado da vida é a tarefa,  
pois ficar no pensamento como no tesouro  
da língua é mentir uma presença no sítio  
onde seria possível, com metamorfose e amor,  
respirar uma primeira vez fora da história!  
Não se faz um elogio do caos ou da ordem,  
está-se aquém ou além quando se insinua  
um outro espaço recolhido num outro tempo,  
quando o Nada eclode consubstanciado em Tudo  
cabe ao Ser reflectir uma poesia sibilina  
e diferente da indiferença da modernidade!  
Parece simples mas sei que se paga com dor  
o atrevimento de situar a barreira do limite,  
com loucura a aventura do Verbo independente

no mar seráfico da mediocridade festejada!

2/6/86

## FOTOGRAFIAS DIGITAIS

E quando a tarde se encontra no seu sol,  
e o sol sente o fim como nenhum homem  
o ousaria fazer, então a luz, que invade sedosa  
os compartimentos da casa, parece trazer  
um incompreensível prazer, uma alegria quase  
terrível, incapaz de comportamento  
ou de filiação, um desejo possuído, arfar  
das coisas do mundo definindo-se em cada objecto.  
Tirar fotografias digitais é a solução  
para se obter com mais precisão a natureza  
dessa luz, a objectividade do que acontece,  
uma presença de tal maneira inesperada  
que quem se inventa no que espera será porventura  
homem, sem dúvida um ser humano  
transpondo a obsessão de uma sensibilidade  
inadaptada às exigências da inteligência.  
Não há língua onde há ser. Não há ser na visão  
que o sol poente admite à superfície difícil  
dos objectos, uma parede aloirada,  
janelas limitadas a olhares de uma luminosidade  
que desafia a história da cultura moderna.  
Não é o paraíso, não é a eternidade, é o instante  
concedendo ao momento a sua memória,  
a memória de um presente que imediatamente  
se ausenta em sucessões de sucessos inopinados.  
O prazer não tem limites. A limitação da vida  
é um entrave. Que fazer? Fazer parte  
da luz que reverbera numa era desconhecida  
da realidade. Se tudo fosse assim, assim sempre,  
é a estupidez do pensamento, mas como se deixar  
de ser quem se é ou não é em pleno sol?

2/6/2010

## PASSAGEM

Abre o sol a consciência do homem  
que esqueço e peroro em poemas sóbrios,  
sentir pelos nervos a luz da terra  
é como merecer uma alma mais jovem!

Quando digo e cicio essência, de que falo?  
Do mundo nas variações da matéria,  
ou da ausência como incógnita ou falta  
ou mesmo ignorância do que irrompe?

Denominar vazios é também uma tarefa,  
quando a língua enfraquece de dúvidas,  
quando não cabe mais aos poetas pensar  
uma possibilidade no reino humano!

Mas que significa, para lá do som,  
sentir? Que as coisas coexistem sensações  
no mecanismo da carne estarecida?  
Que o fora esplandece no interior fictício?

Diz-se muitas vezes uma identidade  
que aparece como desaparece, o Tempo age  
de tal maneira que nem o espaço da verdade  
pode muitas vezes limitar uma presença!

Homem é-se quer se queira ou não!  
Não há nenhum vexilo nem nenhuma guerra,  
apenas as penas da metamorfose diária,  
um corpo crescendo e diluindo-se parco!

Porque a velhice chega e não consola!  
Preparar a morte é mais do domínio  
da filosofia, mas a realidade rebela-se,  
quer a todo o custo o preço da dor!

3/6/86

## POR TODA A PARTE

Châtellerault é a direcção que se toma.  
A manhã espraia-se magnífica nesses campos  
abarrotaos de tonalidades de verde,  
o automóvel indeciso no seu percurso vago,  
virar à direita ou à esquerda, decisões  
imprecisas precisando pela sua acção intuída  
uma vontade de se chegar e de conhecer.  
Atinge-se em plena feira semanal o centro  
da cidade, larga-se o automóvel numa rua  
delimitando talvez um triângulo relvado  
(a verdade poderá não ter memória) e vai-se,  
turistas da crise manifesta que percorre  
o mundo ocidental, por entre as filas felizes  
de mercadorias talvez contrafeitas, talvez  
indiferentes, por estarem expostas a tanto sol.  
Vender e comprar parece ser, se se pode  
aventar uma hipótese, a clara idiosincrasia  
do mundo, basta haver dinheiro ou poder  
para se ser finalmente um ser, embora a ideia  
assim exposta deixe muito a desejar. Deixo  
meus olhos percorrer as bancas atafalhadas  
de objectos, há de tudo, isto é, não há  
nada. Este nada avoluma-se contemporâneo  
entre os objectos produzidos pela realidade,  
haverá verdadeiramente escolha? Ver,  
apalpar, perguntar, reflectir... Comparar  
a oferta indígena com o que se conhece  
da rotina pátria, um tempo perdido,  
o tempo achado em convulsões de acções  
que ainda temos o desprante de dizer  
ou chamar humanas. Ou, pelo menos, mais  
ou menos sociais. Châtellerault, onde,  
neste sábado interdito, tendo-se assumido  
já um compromisso, se produzirá Eric Bibb.  
O blues persegue-me por toda a parte.

3/6/2010

## O NÓ

Que me aflige para lá da vida,  
como seu incógnito sustentáculo,  
ou percepção que se aufere difusa  
da passagem tumultuosa do tempo?  
Dizer: tudo é deserto, pode ser  
verdade, mas como passar além,  
como rejuvenescer nossa estadia  
no diluído perímetro da terra?  
Invocar novamente o mágico amor  
que coexistiu com o sáfio ódio?  
Ou inventando uma nova palavra  
capaz de abrir a luz do começo?  
Porque possivelmente tudo tem  
sido a máscara mádida do mesmo,  
cada época a sua língua plena,  
cada homem o seu coração trágico!  
Como transformar o Nada que sai  
da complacência material do Tudo?  
Como redescobrir na totalidade  
das coisas um Ser jovem e puro?  
Porque é aparentemente a visão  
que envelhece no espaço maldito  
do humano, não a sucessão trivial  
da realidade em movimento certo!  
Como pois fertilizar o homem vil  
encaixado nesta civilização pobre?  
Como pois limpar os olhos lívidos  
de quem se sente um árido plaino?  
Que acontecimento é hoje novo?  
Que traço da humanidade a distingue  
do passado longínquo e recente?  
Que real inspira o aparecimento?  
Desverbalizado o sentimento moderno,  
que forma ou conteúdo dar ao verso?  
E que poema será capaz de iludir

a solidão terrível do homem planeta?

4/6/86

## A ORDEM DO MUNDO

Sentado no automóvel estacionado no parque da estação de comboios de Châtelleraut, espero, com minha mulher, o casal amigo que vem de Paris e deverá chegar pelas oito e meia. A tarde desfaz-se numa luminosidade velha, será que o adjectivo se deve às fachadas dos imóveis que estão mesmo em frente? Lembro-me, inadvertidamente, nada divertido, da vida ocorrida em Paris há mais do que os anos permitam qualquer recordação ou lembrança. Sem me preocupar com a sintaxe do pensamento, e muito menos com a sua duvidosa semântica, vejo-me a percorrer bairros castigados pelo tempo e pela história, uma podridão não sei se material se sentimental ou mesmo emocional, perdido em passos que só ressoam na consciência porque o truísmo tem muito poder. E alguma força. Ignoro onde estou. Onde estou do que fui e do que serei, recordo apenas esta memória presente com uma indiferença que até nem parece humana. A vida prega-as. Não sei o que quis dizer. Nem o sentido que poderia desprender-se de tal expressão. Vejo, enquanto alguma música abastece com um CD encravado a imobilidade do veículo, as fachadas que não me são de todo estranhas. Já foi tempo o da espera, agora é só este espaço mesmo em frente deturpando o momento. Quis ser feliz. Libertar-me. Ser tão novo como uma novidade da ordem da percepção. A ordem do mundo não me permitiu tal evasão!

4/6/2010

## ÍNSTASE

Eis-me nesse limite da contemplação,  
o corpo ausente e o espírito ardendo  
como se a dualidade fosse ainda possível,  
não como conceito da lógica imarcescível,  
mas como uma necessidade da realidade  
quando o olhar prefigura a solidão!

Leio as palavras dos outros na memória  
que se tem dos livros adolescentes, viver  
deixa quase de ser um enigma, segue-se  
apenas um ritmo, a entoação do monólogo,  
selvagem de nós mesmos na intemporalidade  
aberta pela meditação do sublime acordo!

Níveo desgaste, esse sol simbólico e adusto,  
uma perplexidade na cegueira momentânea,  
os sentidos enlouquecidos e desordeiros  
diluindo o pensamento, a paragem do tempo,  
apogeu intelectual onde a palavra falha  
e surge a natureza multiplicada em sopros!

Pretende-se desfazer a dicotomia belicosa,  
deseja-se regressar a uma unidade carnal,  
mas em que olhar do homem repousa o mundo,  
e em que terra é possível passar sem corpo?  
Está-se imaculado e despossuído, a respiração  
surgindo como um apelo vindo do sangue!

Um só apontamento paisagístico: a tarde  
converte-se na alma, o arrebol é um fogo  
sem substância nem ardência, age a visão  
como um cataclismo no simulacro da hora,  
viver o abismo da distância e a ausência  
que se desprende do homem que nos foge!

5/6/86

## IDOS E VINDOS

Refastelados em cadeiras epocais,  
ensombrados pela sombra de uma tília farfalhuda,  
fazemos a digestão, o vinho sonhando paraísos  
em conversas de amigos há muito falhos  
de uma convivência capaz de alguma conversação.  
O calor apetecido insinuando-se no periclitante  
perímetro do som, vozes dardejando palavras,  
palavras erguendo-se de várias línguas,  
o presente interciso na evocação do passado,  
vagos insectos volitando no esplendor de um sol.  
Fazer o quilo. Gozar o quimo. Saborear  
uma ideia de palato transversal à gastronomia.  
Um abandono à repercussão das horas,  
ao verde do relvado e das frondes magníficas,  
às vozes proferindo frases vividas no apogeu aberto  
de pensamentos que sulcam e naufragam  
na deiscência das bocas provocadoras.  
Se a vida fosse sempre assim! Um zumbido  
nos ouvidos oriundos de uma materialidade nova  
e selvagem como um desejo! Se a vida não fosse  
nunca vida para poder ser este prazer tão sentido,  
tão sensível ao remoinho da realidade  
envolvente e envolvida em esquecimento!  
No preciso momento em que lembranças sobem  
ao degelo da memória, quem fez o que está a ser dito,  
que dito capaz de reter ou de ter retido um passado  
que não se resumiu a uma simples passagem?  
Amigos. Poderá, alguma vez, o mundo ser outro,  
diferente, melhor? Ou ter-se-á que viver  
sempre em plena guerra, mesmo se abafada  
em conceitos da conveniência mundana e social?  
O vinho não fala, não diz nenhuma verdade,  
porque a verdade não existe, nem do que é  
nem do que foi. Vive-se nesta indefinição, idos  
e vindos, perpassando no abismo do tempo.

5/6/2010



## A FRONTEIRA

A passagem não é só do tempo mas do homem  
que atravessa a época entre civilizações,  
a do passado como escora e limite histórico,  
a de um futuro que subsiste na esperança!  
Viver o presente nega a escrita e a leitura,  
ao Livro regressa a sua sombra vingadora,  
não saber coincide por vezes com a ignorância,  
nela arde o fogo que soletrará a aurora!  
Entretanto escrevem-se destinos na areia  
da imaginação pressuposta ocidental, a mente  
divinizada pela especulação retórica do Nada,  
os sentidos destruídos em nefastas carnes!  
Há-os que se governam e palpitam de guerra  
na diária manifestação do Mesmo, os felizes,  
os poderosos, secos de sáfara materialidade,  
rindo-se do sofrimento como da alegria!  
Deixaram há muito de ser homens, macaqueiam  
os gestos em retratos adiados do passamento,  
evoluem como se o movimento fizesse parte  
da negação do dorido sonho e da transcendência!  
Outros buscam o paraíso terrestre na alma  
que os abandona paulatinamente, a dor tauxiada  
no Verbo que ignoram quando nomeiam sérios  
os passos e as peripécias do desejo pletórico!  
A miséria conhece-os por dentro e por fora,  
inventam uma história para o não vivido,  
ousam sentir a impossibilidade como um hino  
dirigido ao sublime impasse da civilização!  
Esse é o mundo, se se fala ainda do homem,  
do seu corpo e da ausência que se desenvolve  
entre a Voz e o Som, da distância ablutora!  
Mas que lugar, ó Medo, e que hora, ó Imaginação,  
quando o sangue ferve e percorre em ondas  
um espírito sedento de queda como de ascensão,  
que presságio sucede na miragem das coisas?

5/6/86

## TUDO O MAIS

Há sempre um momento, breve que seja,  
em que o pensamento diluído em divagações  
se inclina sobre o que foi, sobre o que não existe mais,  
sobre o que se transformou numa memória  
composta e descomposta pelas peripécias subtis  
de um acaso onde imperou o tempo do esquecimento.  
Há a viva sensação de que o que se passou  
não pode ser mais passado pela língua presente,  
não porque não tivesse ocorrido, mas porque, decorrido  
tanto imprevisto da acção humana, a figuração  
nada mais é do que uma história fictícia, elaborada.  
Não se volta ao passado. Revive-se apenas  
o que ficou como um lastro, uma quase invenção  
aturdida em si mesma por não ser a mesma coisa  
que possivelmente sucedeu na realidade.  
Só o presente conta. Conta o que se vive agora,  
esta sombra aquecida pelo calor de um sol  
que se impregna de um eternidade consumida  
no seu anteparo de palavra, de ideia, de conceito.  
A vida ama. Por mais sofrimento que tenha sobrevivido  
ao longo dos anos, incapaz de destino, o homem  
que se é, ou que se pretendeu ser, advém  
uma impossibilidade de permanência activa,  
de presença, de suspensão, não se podendo resumir,  
infelizmente, ao efeito de uma analogia  
ou à redenção benévola de uma metáfora.  
Contíguo a si mesmo desenvolve apenas a lucidez  
um pouco repetitiva da tautologia em manifestações  
de uma catacrese muitas vezes incompreensível,  
muitas vezes mal interpretada pela leitura  
do que se chama mundo ao apoderar-se da linguagem.  
Só agora, neste preciso momento, o que é é.  
Tudo o mais, não estando a mais, são desvios  
e fabulações inocentes de um outrora onde a hora  
do acontecimento ignorou a sua futura possibilidade.

5/6/2010

## PROPAGANDA

Na aridez total da alma quero plantar  
meu Ser seduzido pela mecânica do tempo,  
um pensamento capaz de emoção galvanizadora,  
uma sensibilidade aberta à chuva eversora!

Abandonar um pouco os sons da memória  
se se quer passar pelo abismo da carne  
cantando os prazeres como as aparições,  
o Nada incluído no êxtase do moderno sopro!

Cabe ao presente mediatizar a contradição,  
um passo na tradição do desgaste e do medo,  
um salto no incomensurável da ignorância,  
o fogo chamando pelo auge e pelo segredo!

Inventar a vida é preciso todos os dias,  
de cada vez diferentemente, ouvindo a Voz  
inexistente da natureza querida humana,  
pressentindo o abismo que separa o Tempo!

Eis pois a sugestão do futuro diluída  
no momento que se vive, um gozo intangível  
na acracia dos sentimentos perplexos,  
a sublimação festiva do acre sofrimento!

Dar uma dimensão à ausência e ao alcance, eis  
a tarefa insubstituível e dolorosa, abertura  
textual no contexto da sociedade ominosa,  
faúlha e chispa alertando a consciência!

E saber-se que tudo muda em todo o corpo,  
até a presença ou suas máscaras efémeras,  
até o espelho que gravita objectivamente  
em torno da necessidade de um homem novo!

5/6/86

## SEM COMO NEM PORQUÊ

Conhecida La Bussière,  
como quem estupidamente pensa conhecer  
alguma coisa ou alguém, depois de se vaguear  
na esplêndida idade média em ruínas  
de Chauvigny, depois de não se ter podido evitar  
Poitiers na sua imobilidade decadente,  
sobretudo quando se fala de um centro hipotético,  
embora centros comerciais bordem de modernidade  
a sujidade de uma cidade votada à miséria  
de um pressuposto futuro, depois de se saborear  
num restaurante caro e indeciso Châtellerault,  
depois de se comprar algumas vitualhas  
em Saint Savin, depois de se ter transposto  
em segunda mão os livros comprados  
em Montmorillon, falta-nos ainda visitar,  
turistas compungidos de uma crise capitalista,  
La Rochelle e a contígua Ile de Ré, um castelo  
da Loire, pressupondo que o seu fulcro  
será Amboise, uma escolha ao acaso, em que Tours  
será apenas a passagem para a outra margem do rio.  
Não esquecendo, lembrado de vagos estudos,  
Loudun, onde as possessas freiras nada mais  
serão, agora, que memórias de uma história  
mal contada. E será tudo. E será, obviamente,  
quase nada, se não se falar dos lugarejos  
apenas atravessados em afazeres de idas e vindas,  
como um chamado La Justice, que me fará sonhar,  
talvez, até ao dia da minha morte. Esquecer  
a paisagem que se divisa será um crime  
de lesa-beleza, esses prados de uma riqueza  
que até parece suspeita ao olhar pobre de quem,  
do seu país, nada mais vislumbra que a pobreza.  
Mas agora que a tarde se perde no seu sol,  
agora, entre amigos, resta-nos gozar a vibratilidade  
de um sentimento sem como nem porquê.

5/6/2010

## EPÍTOME

Lidas as cinzas suspeita-se do grande Amor  
que eclodiu nas palavras solitárias,  
restos de alma permanecem escombros doridos  
da consciência que nasce do pensamento.  
Uma mão maviosa e temporária inscreve no chão  
a presença de um signo ou de um símbolo,  
roda é a manifestação do assombro erótico  
que perpassa no corpo de quem se escreve.  
Escassez é agora o Limite e o antigo lar  
onde se esconde o verbo dessacralizado,  
semear uma guerra coincide muitas vezes  
com a purificação do Mundo na sua plenitude.  
Acompanhado pela Loucura como expressão  
da dúvida e da insuportável liberdade,  
o homem apaga-se lentamente na memória cega  
de um tempo onde o sigilo significava perda.  
Que palavras cicizar no branco deficitário  
da página translúcida onde o Livro brilha,  
não só como imanência da paz redutora,  
mas também como instrumento do futuro?  
Ao vazio que sopra seus augúrios emocionais  
corresponde um sofrimento civilizacional,  
a ustão do vagido sobrepairando o estertor  
do que se esquece e se perde em essência.  
Oh! saber caminhar paulatinamente uma aurora,  
o olhar hiante de sol e transformador,  
o coração reaparecendo à tona da imaginação,  
a estrénuo máquina do mundo uma nova Língua.  
Basta de tanto deserto e de tanto mutismo,  
que venha o contentamento das acções inúteis,  
o prazer saciado da espiritualidade profana,  
o orgasmo taumatúrgico no âmago enriquecido!  
A contradição jaz como o barco da partida,  
vivê-la em alegria, o escopo e a solução,  
no seio humano das diversidades comunicativas,

no apogeu teratológico de uma Voz que diga!

5/6/86

## A IDENTIDADE DO TEMPO

Assim, como se tudo fosse como se nada fosse,  
na paisagem ignorada de um Poitou solaz, insólito  
de uma solidão provisória, que os amigos  
existem para serem amigos, a música escolhida  
despontou num CD mais ou menos recente de John Zorn,  
*Alhambra Love Songs*, cujos títulos das canções,  
como Tamalpais, monte perto de Mill Valley,  
na Califórnia, ao norte de San Francisco,  
me fizeram reviver passos que dei numa terra  
que perde todos os dias o seu carácter de mundo.  
Ou deverei dizer, em vez de *reviver*, suspeitar?  
Sim, em Novato encontrei, mesmo ao sair do automóvel  
que levava a família a um festejo de golfinhos,  
cinquenta dollars, o suficiente para se comprar  
as entradas do recinto aquático, em Larkspur vivi mais  
do que algumas semanas, em Tiburon comi, talvez  
pela primeira vez, as primeiras ostras, acompanhadas  
de um espumante oblíquo. Alhambra não me é  
um nome desconhecido, se é um bairro ou uma rua,  
enfim, lugares da Bay Area que calcorreei  
quando a país foi os Estados Unidos da América.  
Unido de mim mesmo a mim mesmo perdi a identidade  
do tempo com o tempo da experiência da vida,  
nada mais resta que a música, algum amor,  
alguma amizade, uma deplorável sensibilidade  
que se nega veemente a ser uma nefanda nostalgia.  
Sou de aqui. Onde quer que esteja, nesse preciso  
momento, serei desse lugar e desse tempo, instantâneo  
de mim mesmo em mim mesmo irreconhecível.  
Nada mais sei. Serei pobre, serei rico, por assim ser  
e assim sentir? Nunca o saberei. Nunca farei sentido.

5/6/2010

LIVROS ESCRITOS  
EM SANTA BARBARA, CALIFORNIA, USA  
(4328)  
E EM ALGUEIRÃO, SINTRA, PORTUGAL  
(*MUITOS ANOS DEPOIS*),  
COM O SEU FINAL EM FRANÇA

## **OBRA DO AUTOR**

**(POÉTICA E PORÉTICA)**

### **PRIMÍCIAS**

MEMÓRIA DO PRESENTE (publicado)

VIOLÊNCIA E NADA

SUOR DO TÉDIO (publicado)

TRUÍSMOS E CURIOSIDADES

A HORA E O CÍRCULO

### **EXÍLIO**

O EXÍLIO

RAÍZES E PORTOS

DEPOIS DA MORTE

ESTAR SENDO

### **REGRESSO**

ESTRANHEZA

CANÇÕES (publicado)

EMERGÊNCIAS

ASSIM (publicado)

### **A CONFUSÃO**

VIDA

A DIFICULDADE

DESERTO DISERTO

FORA DA LEI

### **A IMPERFEIÇÃO**

FAZER PELA VIDA

ÊXTASES E ÍNSTASES

EXPLOSÕES

A QUALIDADE DO HOMEM

ESSAS VOZES (publicado)



## **2 ANOS DE ESCRAVIDÃO I**

ALIENAÇÃO  
DISPARATES  
DESEJO LOUCO, PRAZER BABÉLICO  
75 SONETOS (publicado)

## **2 ANOS DE ESCRAVIDÃO II**

SETEMBRO (publicado)  
TUDO PARA NADA  
EU NÃO EXISTIA, ESTAVA ALI  
LUGARES COMUNS  
SONETOS IMBECIS (publicado)

## **A DOENÇA I**

VARIAÇÕES SOBRE O MEDO  
SONETOS PORTUGUESES (publicado: [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))  
SER HOMEM  
AO ACASO (publicado)

## **A DOENÇA II**

O ENIGMA DA IDENTIDADE  
NA PELE CERTOS SINAIS  
CAOS (publicado)  
INDELÉVEL INEFÁVEL (publicado)  
4328 (publicado: [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))

## **NO FIM O COMEÇO**

CHAMAS (publicado)  
PROCURAS (publicado)  
AO VIVO (publicado)  
A CORAGEM COMO PRESSUPOSTO POÉTICO (publicado)  
A EXPERIÊNCIA AMERICANA (publicado)

## **PENTALOGIA AMERICANA**

DA ESTUPIDEZ (publicado)

ADIVINHA: ESTILICÍDIO E ENCICLIA (publicado)

NEM PROSA NEM POESIA, OUTRA COISA (publicado)

EM QUESTÃO (publicado)

O PRESENTE, A PRESENÇA (publicado)

## **TRILOGIA PORÉTICA**

O PRINCÍPIO DO ECO (publicado)

TEORIA DA DISPONIBILIDADE (publicado)

CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES (publicado)

## **TETRALOGIA FÁTICA**

ESTADOS, PROCESSOS E ACONTECIMENTOS (publicado)

A EXPERIÊNCIA DA EXPERIÊNCIA (publicado)

HAVER (publicado)

O TRABALHO DA CATACRESE (publicado)

## **DÍPTICO MUSICAL**

QUASE (publicado)

A REDE DO DISCURSO (publicado)

## **1996: AS ESTAÇÕES**

EVIDÊNCIA E TRADUÇÃO (publicado)

A DESFUNDAMENTAÇÃO (publicado)

O PROBLEMA (publicado)

**MAIS OU MENOS** (publicado)

## **NEW ENGLAND**

IMPROVISACÃO PROVISÓRIA (publicado)

PERPLEXIDADES DO PARADOXO (publicado)

**MEDIOCRIDADE** (publicado)

**ELAÇÕES DO PEJORATIVO** (publicado: [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))

**O SIGILO DO DISPARATE**

**MUITOS ANOS DEPOIS** (publicado: [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))

**AO DESBARATO**

**LOGO** (publicado: [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))

**TALVEZ** (publicado: [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))

**ENTRE**

**(ROMANCE E ATINENTES)**

O RITO (publicado)

PALINGENESIA (publicado)

PASSAGEM DAS HORAS

O ROMANCE CONTEMPORÂNEO (publicado)

QUE ESTUPIDEZ! (publicado)

CINCO CONTOS (publicado: [www.silvacarvalho.com](http://www.silvacarvalho.com))

DIÁRIO DE UM HIPOCONDRIACO (publicado)

**(ENSAIO)**

**A LINGUAGEM PORÉTICA** (publicado)